

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Uberlândia-MG

JAIRO DIAS CARVALHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

JAIRO DIAS CARVALHO

MEMORIAL

EM BUSCA DE UMA NARRATIVA FILOSÓFICA

Memorial apresentado ao Instituto de Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para promoção à classe de Professor Titular da
Carreira do Magistério Superior

Uberlândia
2019

RESUMO

O objetivo desse memorial é reconstruir meu itinerário intelectual, acadêmico e profissional até 2018. Nele destacarei os pontos relevantes da minha carreira de docente na Universidade Federal de Uberlândia-UFU e da minha formação filosófica, além de prospectar as futuras direções de minha pesquisa. A narrativa é construída a partir da seleção de momentos considerados importantes e mostra o deslocamento de temas e problemas que foram aparecendo à medida que desafios de todos os tipos me foram postos: intelectuais, profissionais, filosóficos, políticos. O memorial se divide em duas grandes partes. A primeira é um relato cronológico de minhas atividades e a segunda uma análise destas a partir da determinação de campos temáticos. O relato põe em relevo as publicações – por acreditar que são elas que melhor expressam o movimento feito. Todas nasceram de atividades reais de pesquisa, de cursos oferecidos e de apresentações de trabalho realizadas. Elas são frutos tanto da pesquisa quanto das aulas ministradas, principalmente nos cursos de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Federal de Uberlândia (doravante, UFU). Após o relato cronológico faço uma análise do que chamei de núcleos temáticos que agrupam formulações, conceitos e estudos que me acompanharam estes anos todos. O primeiro núcleo tem a ver com o Mestrado sobre Kant e minha compreensão do seu pensamento. Este núcleo se refere à tentativa do uso de sua Filosofia para pensar o problema da intersubjetividade. O núcleo é intitulado *Kantismo*. O segundo núcleo tem a ver com o Doutorado sobre Deleuze e como compreendo e utilizo seu pensamento para uma série de problemas. O núcleo é intitulado *Deleuzianismo*. O terceiro núcleo tem a ver com o meu primeiro Pós-Doutorado e se refere ao estudo de Leibniz. E com a apropriação do seu pensamento, principalmente do conceito de mundos possíveis, para pensar a Arte. O núcleo é intitulado *Leibnizianismo*. O quarto núcleo tem a ver com o tema da Tecnologia e da Política e mostra o deslocamento que operei estes anos todos e que me fizeram retornar à origem, mas de posse de outra narrativa, do meu engajamento social. O núcleo se chama *Tecnonacionalismo*. Todos os núcleos perpassam, de diferentes maneiras, o relato cronológico e muitas vezes permitem entrelaçamentos entre autores, temas e outras atividades. Além de analisar os núcleos temáticos que fazem parte de minha carreira, faço uma descrição das atividades docentes, de orientação e outras, destacando seus pontos relevantes.

PALAVRAS-CHAVES: Kantismo; Leibnizianismo; Deleuzianismo; Tecnonacionalismo; Álvaro Vieira Pinto.

SUMÁRIO

1. Montes Claros: terra quente do sertão mineiro 05
2. Belo Horizonte: a capital das minas gerais 05
3. Mestrado: Kant 07
4. Doutorado: Deleuze	09
4.1- Paris: ZôoEuropa	10
4.2- Montes Claros/Belo Horizonte	10
5. Uberlândia	12
6. Pós-Doutorado: Leibniz	14
7. Tecnologia e Política 18
8. Análise dos Núcleos Temáticos	27
8.1. Kantismo	27
8.2. Deleuzianismo	30
8.3. Leibnizianismo	36
8.4. Tecnonacionalismo	44
9. Álvaro Vieira Pinto	51
10. Projeto de Pesquisa Atual	57
11. Atuação Profissional	59
12. Outras Atividades	61
13.Referências Bibliográficas	63

1 – MONTES CLAROS: TERRA QUENTE DO SERTÃO MINEIRO

Nasci em Montes Claros, Minas Gerais, em 1966, filho de Donatilio Pimenta de Carvalho e Maria Soledade Dias Carvalho e tenho três irmãos. Nasci com o Sertão dentro de mim. Ele nos entranha profundamente. O Sertão é uma rudeza, um furor, uma pedra que corta. Demora anos para se tornar outra coisa.

Fui ótimo aluno até o secundário quando tive que começar a trabalhar. Terminei o segundo grau trabalhando. Foi difícil. Na época comecei a participar de um grupo de jovens da Igreja Católica, numa paróquia jesuíta. A participação levou-me a conhecer as ideias da chamada Teologia da Libertação. Logo, logo, comecei a participar da Pastoral da Juventude, grande escola de formação política e humanista. Tornei-me coordenador da PJ, como era chamada a pastoral, e comecei a fazer cursos fora da cidade. Lia bastante. A melhor coisa daquela época foi interessar-me pelas humanidades. Lembro-me que quando estava escolhendo qual curso superior gostaria de fazer, depois de tentar Computação várias vezes, as discussões feitas na Pastoral me levaram à Filosofia. Eu estava procurando um curso que pudesse me ajudar na compreensão do mundo e por causa da amplitude escolhi fazer Filosofia.

Da Pastoral da Juventude fui para o PT, o Partido dos Trabalhadores. Na época houve um movimento na cidade e vários jovens “engajados” se inscreveram no vestibular para o curso de Filosofia na que é hoje a UNIMONTES (Universidade Estadual de Montes Claros), que à época não conseguia preencher o número de vagas mínimo de inscrições, Fiz o vestibular e entrei para a primeira turma do curso. Na Faculdade, participei do movimento estudantil e criei um grupo de PU, a Pastoral Universitária. Mas, meu desejo mesmo era fazer faculdade na capital, Belo Horizonte- MG. Essa cidade é sonhada no norte de Minas. Sonhei e fui para lá, com a pedra do sertão e a poeira dentro de mim. Como começara a trabalhar como professor de Ensino Religioso, tive mais tempo para estudar um pouco e, assim, passei no vestibular em 1990. Eu fui para a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) procurar na Filosofia uma narrativa que pudesse me ajudar na militância política.

2 – BELO HORIZONTE: A CAPITAL DAS MINAS GERAIS

A Graduação em Filosofia na UFMG foi uma das melhores coisas que já fiz na vida. No início foi bem difícil (governo Collor), eu estava sem dinheiro. Depois, como tinha passado num concurso para monitor de Filosofia Moderna, as coisas começaram a melhorar. Na

monitoria estudei o papel da vontade no método em Descartes e o problema da natureza em Pascal, além de Hume. Comecei a me apaixonar pela Filosofia Moderna.

Gostaria de destacar alguns fatos da época da Graduação. Participei de um encontro da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação), em Diamantina, em 1992 como aluno da Graduação. Fiz, logo no começo da graduação, um curso, que me marcou profundamente, sobre Deleuze e Proust. O primeiro se apresentava como um pensador mais interessante que Habermas e a Escola de Frankfurt, hegemônicos na UFMG ao lado da Filosofia da Ciência e da Linguagem. Tinha lido em algum lugar, antes, sobre a micropolítica do desejo e talvez, pensava à época, pudesse encontrar em Deleuze a narrativa que procurava. Na Graduação havia a defesa da importância de se entender os clássicos e por isso as discussões que se relacionassem à atualidade estavam subordinadas à compreensão prévia da História da Filosofia. Aos poucos, eu era introduzido aos debates que ocorriam na Europa e ao estudo dos Clássicos da Filosofia. Na época participei de vários grupos de estudos e lia Nietzsche. Um curso de Filosofia Moderna sobre a terceira crítica de Kant foi para mim muito importante. Diziam que havia dois continentes, um o hegeliano e o outro o kantiano. Interessei-me pelo segundo. Fiz, também, um curso no Mestrado, sobre Kant, como ouvinte. A Filosofia Moderna e a Filosofia Francesa pareciam que nunca iriam sair da minha vida. Saí da militância política e fui estudar mais seriamente a Filosofia dentro de minhas possibilidades à época.

Entre com vinte e quatro anos na Universidade e me formei aos vinte e oito. O curso de Graduação em Filosofia na UFMG era dominado na época pela chamada virada linguística e pela Filosofia Alemã Moderna e Contemporânea. Havia um problema que me assolava nesta época: por que apostar no consenso como princípio e não no conflito? Eu me formei e me preparei para a seleção ao Mestrado. Não tinha tempo a perder e fiz um projeto para o Mestrado sobre o tema do Sentido Comum na *Crítica da Faculdade do Juízo* (KANT, 1993) na UFMG e fui aprovado. Eu pretendia saber se a noção de Sentido Comum estava relacionada à noção de intersubjetividade, se havia uma espécie de sociabilidade “transcendental” em Kant. A ideia de consenso me incomodava bastante e por isso pensava em compreender a noção de intersubjetividade a partir de outros parâmetros. Uma afirmação ouvida em um dos cursos sobre Kant pronunciada por Deleuze me marcou: “Só há intersubjetividade estética”. Talvez, Deleuze, em sua leitura de Kant, pudesse me dar a oportunidade de criticar Habermas sem cair em contradição performativa.

Comecei o Mestrado em 1994 e ao mesmo tempo passei em primeiro lugar em um concurso para professor substituto na UFMG, ministrando a disciplina Lógica do Pensamento Científico. Na época trabalhei o problema das várias formas de racionalidade destacando a

crítica de Nietzsche à razão. No ano seguinte, exerci atividade docente no programa de monitoria de Pós-Graduação na mesma disciplina. Naquele ano apresentei o trabalho *Deleuze e o Estruturalismo*, no *Simpósio Nacional Interdisciplinar – Estruturalismo: Memória e Repercussões*, em Belo Horizonte- MG. Eu partia do conceito elaborado por Foucault de processo de subjetivação, ou de modos de subjetivação, ou melhor ainda, de estilos de vida para fazer duas perguntas: 1- como nos tornamos o que somos ou que tipo de subjetividade é produzida pela sociedade contemporânea? e, 2- quais seriam os processos de intersubjetivação de nossa sociedade? Modificava, assim, um pouco a questão elaborada por Foucault porque acreditava que a noção de intersubjetividade estava no centro do debate filosófico contemporâneo à época. Partia de uma constatação de que a intersubjetividade não estava dada, mas que era construída. Eu pretendia pensar as noções de intersubjetividade (que chamava de processo de intersubjetivação) e comunicabilidade a partir de uma Filosofia da Diferença. E pensava que a “Estética” de Kant talvez fornecesse uma base na História da Filosofia, a partir da leitura de Deleuze, para pensar aquele problema.

3 – MESTRADO: KANT

A escolha de Kant, para estudar no Mestrado, se deveu a vários fatores. O primeiro deles se refere aos cursos que fiz na Graduação e Pós-Graduação (como ouvinte) sobre a Terceira Crítica. O conceito de Sentido Comum sempre me pareceu uma alternativa ao problema habermasiano do consenso via ação comunicativa. Em Kant, há uma espécie de consenso estético, mas não discursivo. Era todo o problema da dialética da *Crítica da Faculdade de Julgar Estética* que estava em jogo e que me interessava.

Em 1994, quando estava no primeiro ano do Mestrado, apresentei o trabalho *O Sentido Comum em Kant*, no *VI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, em Águas de Lindóia-SP.

Em 1995, apresentei o trabalho *Estética e Sensação em Kant*, no *Colóquio Nacional Belo, Sublime e Kant*, em Belo Horizonte- MG. Eu queria saber o que significava a palavra “estética” na expressão “faculdade de julgar estética”. A partir dessa época incluí a preocupação com a estética em meus trabalhos.

No começo de 1997, defendi a Dissertação de Mestrado: *A Beleza Como Adequação da Natureza ao Homem: Um estudo sobre a Crítica da Faculdade do Juízo de Kant*, orientada pelo Professor Doutor José Henrique dos Santos da UFMG (CARVALHO, 1997). Na Dissertação procurei compreender o papel da fundamentação dos juízos estéticos na elaboração da problemática da passagem do domínio dos conceitos de natureza sob a legislação do

entendimento ao domínio do conceito de liberdade sob a legislação da razão. E assim, eu tinha passado do problema da “intersubjetividade” e da sociabilidade para o problema das formulações internas à Filosofia de Kant. O problema havia se transformado. Tratava-se de compreender, naquele momento, qual seria o papel da Faculdade de Juízo Estético na passagem da Faculdade de Conhecer à Faculdade de Desejar. Na Dissertação cheguei à conclusão de que a beleza era o sentimento da conformidade a fins da natureza a nós (assim como um sentimento da harmonia dos nossos poderes cognitivos), e que a exigência de validade intersubjetiva dos juízos estéticos se fundava na exigência da realização dos fins da liberdade. A tentativa de fundamentação dos juízos estéticos tinha levado Kant a conceber a beleza como uma espécie de apresentação de uma ideia de conformidade da natureza aos nossos poderes cognitivos. Tal ideia era uma determinação positiva do suprassensível, embora se apresentasse subjetivamente a nós como sentimento, seja como sentimento da concordância entre as nossas faculdades cognitivas, seja como sentimento da concordância da natureza a elas. A tarefa de fundamentar uma determinada espécie de juízos tinha levado Kant a colocar o problema da passagem entre os conceitos de natureza e liberdade a partir da descoberta de um princípio *a priori* para a faculdade de julgar: a conformidade a fins subjetiva da natureza às nossas faculdades, permitindo-lhe, a partir de uma outra maneira de considerar a natureza, formular e colocar o problema da mediação entre natureza e liberdade. O conceito que articulava fundamentação e sistema era o da concordância interna da subjetividade e da concordância externa da natureza ao homem, cuja apreensão se dava por meio da experienciação da beleza. Kant dizia que o conceito da faculdade de julgar era o da conformidade a fins da natureza aos nossos poderes cognitivos e a de um substrato suprassensível da humanidade. A concordância da razão consigo mesma e a concordância da natureza à razão era o princípio *a priori* da faculdade de julgar, no final das contas. Era tal princípio que lhe permitia articular a fundamentação dos juízos estéticos e a questão da passagem da natureza à liberdade. A faculdade de julgar estética produzia, assim, uma Ideia da natureza, cuja legalidade estava relacionada a um substrato suprassensível. Eu, que partira da noção de Sentido Comum tinha chegado, naquele momento, a um problema de ordem sistemática em Kant. A partir das conclusões da Dissertação de Mestrado pude perceber que o problema da comunicabilidade dos juízos estéticos em Kant estava relacionado à ideia de substrato suprassensível da humanidade.

Eu chegara à conclusão que o princípio da sociabilidade em Kant estava relacionado à ideia do substrato suprassensível da humanidade. Foi com esse pensamento que apresentei em 1997, o trabalho *A Ideia de substrato suprassensível da humanidade no II Congresso Nacional Kant*, em Itatiaia-RJ. Pretendia analisar o conceito de substrato suprassensível da humanidade

presente na dialética da faculdade do juízo na terceira crítica. Parecia que a ideia de substrato suprassensível da humanidade, componente de um conceito de humanidade, era indispensável ao conceito kantiano de sociabilidade legal pois para ele, o conceito de humanidade devia ser entendido, não apenas do ponto de vista de uma racionalidade prática (como razão essencialmente sociável), mas também do ponto de vista estético (que via o homem como ser racional e sensível). Kant entendia a sociabilidade legal como a disposição de deixar-se guiar por princípios do direito, o homem como sociável (e não originariamente social) e o direito como condição de possibilidade da sociedade. Este conceito estava ligado, na Terceira Crítica, a um conceito de humanidade. Investiguei o conceito de humanidade no contexto estético examinando seu caráter suprassensível. Assim, estava bem longe de pensar a sociabilidade a partir de uma Filosofia da Diferença... A remissão da sociabilidade à Lei e ao Direito (a sociabilidade legal) e a relação desse problema à ideia de um substrato suprassensível da humanidade me afastava de Kant.

Em 1998, apresentei a comunicação *O Problema da passagem da natureza à liberdade nas duas Introduçãoes da Crítica da Faculdade do Juízo de Kant*, no VIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, em Caxambu-MG. Publiquei também um capítulo de livro sobre Kant (CARVALHO, 1998) que reunia as preocupações da época.

4 – DOUTORADO: DELEUZE

Terminei o Mestrado e logo em seguida fiz o concurso para o Doutorado, em 1997. Na ocasião pensava em escrever sobre o conceito de Criação Social que talvez me permitisse tematizar minhas intuições acerca da sociabilidade, da diferença, da política. Fiz um projeto sobre Deleuze e Castoriadis, mas fiquei somente com o primeiro. Tive um começo bem difícil. Meu orientador, professor Doutor Ivan Domingues, estava fazendo Pós-Doutorado fora do país e por isso acabei tendo que fazer um concurso para professor substituto na UFMG no qual fui aprovado.

Em 1998, de volta ao Brasil, o meu orientador me sugeriu fazer um estudo sobre Bergson, pois fora este que tinha começado a pensar o tema da “criação” na Filosofia Francesa. Deste estudo surgiu o trabalho: *Um estudo sobre o conceito de Diferença em Bergson segundo Deleuze*, apresentado no VIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, em Caxambu-MG, em 1998.

Em 1999, fui para a França fazer um estágio de Doutorado, mas antes apresentara um trabalho em Belo Horizonte- MG intitulado *O Conceito de Expressão em Deleuze e Spinoza*, no *Colóquio Internacional Mimesis e Expressão*.

4.1 – PARIS: ZÔOEUROPA

Meu estágio fora do país foi decisivo para precisar o tema da Tese. Paris é a indiferença à diferença, mas também o receio e a irritação a ela. Em Paris descobri a riqueza da raiz, o que se pode fazer com ela, a diferença que uma raiz permite, mas também os brotos que se desenvolvem a partir dela, a multiplicidade de pessoas em convívio, e que é a raiz que permite a relação com a diferença. Eu tinha acabado de apresentar um trabalho sobre Spinoza na UFMG, estava com o neoplatonismo na cabeça e estava com um pensamento meio estranho de fazer uma teologia sem Deus e de que cada vida inventava seu modo de iniciação... E tudo aquilo que acontecia naquela cidade, parecia tudo cinema, as conexões mais imprevisíveis, pensava nas possibilidades de uma vida, pensava que o desejo sempre se relacionava ao *socius*... estava para fazer uma Tese sobre criação social em Deleuze e Castoriadis... como não pensar que a criação não era algo que dissesse respeito ao desejo? Tudo isto se tornaria fundamental na articulação do tema da Tese e, de repente, meus planos mudaram. As questões se acumulavam... de repente, apareceu de novo o problema da sociabilidade. Como ser sociável com tantas diferenças? Eu tinha que pensar as “formas de vida” e me perguntava se os temas do desejo e da sociabilidade não eram mais fundamentais para serem pensados do que o de “criação social”.

Eu fiz o estágio de bolsa sanduiche de julho de 1999 a junho de 2000 junto a *École Normale Supérieure de Fontenay/ Saint Cloud* como parte do programa de doutorado da UFMG. Lá participei do *Colloque International Giordano Bruno: Mondes, formes et société*, do *Colloque International: L'enseignement de la philosophie en Italie et en France*. E fiz uma apresentação em Berlim, no *IX Internationalen Kant-Kongresses*, intitulada *Le Fondement Cognitif de Faculté de Juger Esthétique*. E terminei o estágio...

4.2 – MONTES CLAROS/BELO HORIZONTE

Voltei da França. Fui morar em Montes Claros. Eu tinha muita coisa em mente: o neoplatonismo, a imanência, a criação social, as formas de vida, a sociabilidade... em qual plano integrar tudo isso? A integração aconteceu sinteticamente e de uma vez, mesmo ainda insistindo no problema da criação social numa péssima apresentação num colóquio da ANPOF:

Imanência e Sociedade em Gilles Deleuze, em Poços de Caldas-MG, em 2000. Mas tinha mudado de tema: queria pensar as formas de vida, a imanência, a sociabilidade.

Em Montes Claros, ministrei um curso intitulado *Análise das formas de vida no Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa* na FUNORTE (Fundação Universitária do Norte de Minas). A leitura e estudo de Guimarães Rosa (ROSA, 1986) ficou dentro de mim e comecei a pensar as “formas de vida” do Sertão. Era o ano de 2001. Na época fora publicado o texto que tinha apresentado no Congresso Internacional Kant em Berlim, Alemanha (CARVALHO, 2001).

Depois disso voltei a Belo Horizonte para terminar de escrever a Tese. Estava sem bolsa e por isso tive que trabalhar numa universidade particular, cuja duas únicas vantagens foram: aprender a sobreviver no mercado e ter ministrado um curso de sociologia onde estudei o problema da sociabilidade. Depois disso defendi a Tese ao final de 2002. Ela tinha como título *Plano de Imanência e Formas de Vida, um estudo a partir de Gilles Deleuze*, orientada pelo Professor Doutor Ivan Domingues da UFMG (CARVALHO, 2002). Eu chegara à conclusão que não havia forma superior de ser e que a sociedade era a coexistência de formas de vida múltiplas e todas as pretensões de satisfação eram legítimas, mas não suas configurações institucionais. A pretensão de satisfação, para ser realizada e configurada em uma instituição, dependia do conflito e do consenso entre formas de vida e por isso era na esfera da Política que as coisas deviam ser postas. A hipótese era que a relação plano de imanência/multiplicidade virtual – resposta deleuziana ao problema do debate acerca do uso da analogia de proporção/univocidade – era um componente fundamental para se pensar a vida como multiplicidade de formas e de pretensões de sociabilidade, que acreditava ser a resposta mais consistente ao problema de fato do não consenso no mundo da vida. Perguntava-me sobre a possível existência de formas de vida incompatíveis e que se excluía mutuamente. O fato do não consenso me obrigou a pensar uma multiplicidade intrínseca à vida, em cada vida e de formas de vida. Eu tinha me aproximado da Filosofia de Deleuze por causa do seu conceito de Multiplicidade. Ele me permitia pensar na não existência de uma forma de vida superior como critério da Lei, do Justo, do Direito e das formas de sociabilidade e pensar a vida como conflito de pretensões de satisfação e de sociabilidade. Era, então, necessário combater a noção de Eminência, que implicava excelência e superioridade e uma figura fundamental: a noção de Transcendência. Tratava-se, assim, de um rompimento profundo em minha vida, eu que vinha da esquerda católica.

Ao final da Tese, mostrei que, se não há formas de vidas superiores, é a dimensão política da existência que determina as direções legítimas das múltiplas pretensões de satisfação

das formas de vida. Eu tinha retornado ao problema da política, mas não tinha voltado à militância.

5 – UBERLÂNDIA

Logo após o término do Doutorado surgiu a oportunidade de fazer um concurso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Uberlândia-MG. O Departamento de Filosofia da instituição tinha a pretensão de abrir um Programa de Mestrado em Filosofia e fiquei animado. Fiz um concurso para a área de Estética e fui aprovado. Assim, pude usar as minhas discussões “estéticas” sobre Kant e Deleuze. Comecei em 2003. Logo no início, participei da comissão que elaborou o Projeto de Mestrado. Vale destacar, na época, em 2003, a participação em dois eventos: um de caráter nacional, o *I Encontro Nacional de Filosofia Francesa Contemporânea*, em São Paulo-SP, no qual apresentei o trabalho *A relação entre Plano de imanência e multiplicidades virtuais: um estudo sobre Gilles Deleuze*, em que procurei apontar algumas das conclusões da Tese; e outro de caráter internacional, o *Congresso Internacional Theoria Aesthetica* em Belo Horizonte- MG, no qual apresentei o trabalho *Forma e Multiplicidade Virtual: um estudo sobre a relação Adorno e Deleuze*, onde procurei expandir algumas das questões da Tese. Nos dois trabalhos, eu fiz um tratamento do conceito de Multiplicidade Virtual e de Plano de Imanência, usados por Deleuze para pensar a univocidade do ser. Os trabalhos foram uma espécie de resumo da Tese e a tentativa de comparar duas tradições diferentes de pensar o problema da multiplicidade ou da relação todo e partes.

Em 2004, com a não aprovação do Projeto de Mestrado, muitos colegas ficaram desesperançosos, inclusive eu. Nesta época publiquei um artigo sobre Nietzsche (CARVALHO, 2004). Ele era uma espécie de síntese do meu estudo de Nietzsche na Graduação e de uma disciplina feita no Doutorado. Comecei a pensar em alternativas a Uberlândia. Fiz um concurso para a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e não passei. Pensei, por isso, em fazer um Pós-Doutorado.

Ainda em 2004, apresentei o trabalho *As Formas de Sociabilidade: Deleuze e a Teoria das Multiplicidades*, no *XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, em Salvador-BA. Esta apresentação foi uma espécie de conclusão das reflexões dos últimos anos e foi publicada depois.

Em 2005, publiquei vários artigos que diziam respeito às conclusões do Mestrado e do Doutorado: *A Fundação da Estética como Dimensão da mente humana em Kant* (CARVALHO, 2005d); *A Imanência, apresentação de um roteiro de estudo sobre Gilles Deleuze*

(CARVALHO, 2005c); *As Formas de Sociabilidade em Deleuze* (CARVALHO, 2005b); *O Substrato Supra-Sensível da Humanidade em Kant* (CARVALHO, 2005a).

Ainda em 2005, retomamos o Projeto de Mestrado para enviar à CAPES. Apresentei, na ocasião, o trabalho *O conceito de multiplicidade virtual em Deleuze no Segundo Encontro do Grupo de Trabalho em Filosofia Pós-Metafísica da ANPOF*, coordenado pelo professor Guilherme Castelo Branco. O texto foi publicado depois em forma de capítulo de livro em duas versões: CARVALHO (2005e) e CARVALHO (2006).

No ano de 2005, ainda apresentei os trabalhos *A Dedução dos juízos estéticos como fundação da receptividade transcendental ao prazer* no X Congresso Kant Internacional: *Direito e Paz na Filosofia de Kant*, em São Paulo-SP; e *O papel da fundamentação dos juízos estéticos na elucidação do problema da passagem entre natureza e liberdade em Kant*, no VII Congresso Sul-Americano de Filosofia: *Natureza e Liberdade*, em Curitiba-PR. Os trabalhos foram publicados depois como veremos na sequência.

As conclusões da Tese de Doutorado apontavam para duas direções. Uma para o tema das formas de sociabilidade, outra para o da continuação do que chamaríamos de pesquisa básica em História da Filosofia: o problema da univocidade e da analogia. Apesar de começar a pesquisa nesta segunda direção, ela foi, na sequência dos anos, abandonada. A primeira, que era a continuidade do problema da relação entre as formas de vida e as formas de sociabilidade, cuja ideia era de que a sociabilidade estava relacionada à diferença e não ao consenso, deu origem ao projeto de pesquisa *Imanência e Formas de Sociabilidade*, que visava discutir a lógica das relações sociais analisando obras literárias. Naquele tempo, começava a estudar a relação entre Filosofia e Literatura no sentido de apontar os conceitos que se interconectavam aos dois campos. Os temas do Duplo e da Metamorfose se destacavam e comecei a relacioná-los ao conceito de Devir de Deleuze. Da junção destas duas iniciativas surgiu a ideia de fazer um projeto para um Pós-Doutorado, a partir do *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa (ROSA, 1986). O projeto tentava juntar o conceito de Formas de Vida que vinha da Tese de Doutorado e as discussões referentes à relação entre Filosofia, Estética e Literatura. O projeto foi intitulado *Gilles Deleuze e Guimarães Rosa, uma conexão entre filosofia e literatura: o devir, o duplo e a metamorfose* e foi apresentado em forma de comunicação no Congresso Internacional de Filosofia Pessoa e Sociedade: *Perspectivas para o Século XXI*, realizado em Braga-Portugal em 2005, e depois seria publicado.

O projeto foi um divisor de águas em minha carreira. Acontece que ele fora rejeitado pelas agências de fomento e como tinha conseguido a liberação tive que pedir ao professor Ivan Domingues que me recebesse, sem bolsa, para que eu ou refizesse a pesquisa ou a realizasse.

Fui novamente para Belo Horizonte, mesmo tendo escutado o conselho de que quando terminasse o Doutorado devia “não olhar para trás”.

Em 2006-2007 fiz o Pós-Doutorado na UFMG. O professor Ivan Domingues me aconselhou a mudar a perspectiva da pesquisa que vinha desde o Doutorado. O tema da Sociabilidade e da Imanência foi, então, abandonado. Ele me sugeriu mudar de autor, mas continuar no campo da Filosofia Francesa. Pensamos em Bergson. Assim, mudaria de autor, mas continuaria no mesmo campo filosófico. Além disso, Bergson me era familiar por causa do estudo que fizera para a tese de Doutorado. Fiz, com o professor Ivan Domingues, um curso sobre Filosofia e Tecnologia que mais tarde teria impactos em minha carreira. E, então mudara mais uma vez... Leibniz apareceria no meu horizonte... Mesmo assim apresentara um trabalho sobre o que vinha estudando antes *O conceito de Devir em Deleuze como crítica ao conceito de Eu*, no XII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, em Salvador-BA, em 2006.

6 – PÓS-DOCTORADO: LEIBNIZ

É difícil dizer como cheguei a Leibniz, melhor, à apropriação de Leibniz. Este foi sem dúvida, até agora, o período mais intenso de publicações e produções. Digamos, que começou com o pós-doutorado em 2007 e foi até 2012.

Eu estava lecionando Estética desde 2003, tinha me aproximado do cinema do diretor David Lynch e ficara intrigado com sua obra. Tinha ouvido uma palestra em Uberlândia sobre os mundos possíveis e o debate que girava em torno do conceito e tinha começado a estudar Bergson sob orientação do professor Ivan Domingues e, ainda, imediatamente ao Pós-Doutorado, tinha feito considerações e publicado sobre o conceito de Multiplicidade Virtual de Deleuze. Tal conceito não podia ser compreendido sem a crítica que Bergson fazia ao conceito de possível. Suas discussões sobre a criação dos possíveis, sua crítica à noção de possível como prefigurando algo antes de se tornar real, ou seja, todo o problema do real e do atual, que também aparecia na chamada Semântica dos Mundos Possíveis, me fizeram considerar a relação entre Bergson e Leibniz. Esta era a mudança que tinha operado, à qual fiz referência acima.

Bergson é uma das matrizes da Filosofia Contemporânea Francesa. Leibniz, da tradição da chamada Semântica dos Mundos Possíveis. Eu chegara à conclusão que podia muito bem continuar na minha matriz de reflexão, incorporar um filósofo moderno e ainda adentrar no debate contemporâneo. Percebo, depois de algum tempo, que sempre incorporei as questões

que perpassavam as discussões do *mainstream* às categorias que manejava. Assim, comecei a ler e a estudar Leibniz e um mês antes de terminar o Pós-Doutorado fui à Paris, França.

A volta à cidade me fez encontrar duas preciosidades. Uma conversa rápida com Frédéric Worms, o mais capacitado intérprete de Bergson à época, e fiquei sabendo da existência de algumas discussões acerca da relação entre Leibniz e Bergson. Tinha achado um livro sobre David Lynch (AUBRON, 2006) que fazia referência aos “mundos possíveis” de seu cinema. Tudo isso foi decisivo para que me interessasse mais profundamente pelo tema do “possível”. Terminei o Pós-Doutorado com Bergson e Leibniz na cabeça e a discussão acerca da relação entre possível, atual, real para ser pensada. Não sem antes pensar nas obras de Arte que mostravam mundos possíveis...

Quando voltei para Uberlândia, o Programa de Mestrado tinha começado, já que aprovado em 2006. Eu tinha participado da equipe que reformulara o projeto e que tinha conseguido a autorização para sua implementação. Para vincular-me ao Programa tive que formular uma proposta de pesquisa e ela fora toda inspirada nos últimos movimentos que fizera no Pós-Doutorado na UFMG. O projeto se intitulava *Os Conceitos de Possibilidade, Realidade e Atualidade nas Histórias das Filosofias Moderna e Contemporânea*. Ele era um desdobramento do Pós-Doutorado. Eu pretendia estudar os conceitos de possibilidade, realidade e atualidade nas Histórias das Filosofias Moderna e Contemporânea, principalmente em Leibniz e Bergson. A partir dela, durante todo o ano de 2007 fiz várias apresentações: *Um estudo sobre o conceito de possível em Bergson e Leibniz*, no Colóquio Internacional Henri Bergson, no Rio de Janeiro-RJ; *O Conceito de Mundos Possíveis como categoria estética em Deleuze*, no Congresso Internacional Estéticas do Deslocamento, em Belo Horizonte-MG; *Metafísica e Filosofia em Duns Scoto*, no II Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, em Belo Horizonte-MG; *Possibilidade e Potência Divinas*, na Quarta Semana Acadêmica da UFU, em Uberlândia-MG; *O outrem como mundo possível*, no Quinto Encontro Nacional do Grupo de Trabalho: Filosofia Pós-Metafísica, no Rio de Janeiro-RJ; *A política como criação de possíveis*, no Simpósio de Ética e Filosofia Política do Planalto Central. A maioria delas foram publicadas depois.

Ainda em 2007, publiquei alguns artigos que expressavam a produção anterior ao Pós-Doutorado: *Forma e multiplicidade qualitativa: um estudo sobre a relação entre Adorno e Deleuze* (CARVALHO, 2007d); *Giordano Bruno, o Uno e o Múltiplo* (CARVALHO, 2007c); *O problema da expressão em Deleuze e Spinoza* (CARVALHO, 2007b); *O Problema da ÜBERGANG nas duas Introduções da Crítica da Faculdade do Juízo de Kant*, (CARVALHO,

2007a). Foi também publicado *O Anti-Édipo: O social e o desejo em Deleuze e Guattari* (CARVALHO, 2007e) a convite do professor Guilherme Castelo Branco.

Foi um ano bastante intenso. Tinha conseguido produzir já em relação ao tema que começara a pesquisar no Pós-Doutorado, como reorientação da carreira e em relação ao tema que me propusera para ser vinculado ao Programa de Mestrado. Mas, algo também estava em movimento: tratava-se de imiscuir a discussão sobre os “possíveis” na Arte.

Em 2008, foram apresentados os seguintes trabalhos: *Virtualidade e Compossibilidade em Bergson e Leibniz*, no *Colóquio Internacional Henri Bergson*, em São Carlos-SP; *Possibilidade e Acontecimento em Leibniz e Bergson*, em Uberlândia-MG; *Leibniz ou Bergson: divergência das séries ou convergência dos possíveis?*, no *XIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, em Canela-RS; *O problema do possível e do impossível em Leibniz*, no *I Colóquio Descartes* em Uberlândia-MG; *O conceito de mundos possíveis como categoria estética em Deleuze*, no *Congresso Internacional Estéticas do Deslocamento*, em Belo Horizonte-MG. Quase todos eles foram publicados depois.

Ainda em 2008, foram publicados alguns artigos referentes a trabalhos de pesquisa anteriores: *O conceito de criação social em Hume* (CARVALHO, 2008a); *Da Crítica do gosto à Crítica da Faculdade de Julgar: Um estudo sobre a terceira crítica de Kant* (CARVALHO, 2008b). E foi publicado também o texto *La déduction des jugements esthétiques comme fondement de la réceptivité transcendente au plaisir* (CARVALHO, 2008c).

Gostaria de destacar nesta época a participação na organização do *Primeiro Encontro de Filosofia e Religião da UFU* e a apresentação do texto *Candomblé-Reflexões: Os mundos simultâneos*, em Uberlândia, que mais tarde seria publicado. Tratava-se de uma tentativa de usar o conceito de Mundos Possíveis, mais precisamente o da convergência entre mundos, para entender o fenômeno religioso, ideia que não desenvolvi com maior precisão até hoje e que está “adormecida” como uma “possibilidade” que pode ser retomada em outro momento.

Ainda em 2008, ministrei uma disciplina na Pós-Graduação em Filosofia da UFU sobre Leibniz, que deu origem mais tarde a algumas publicações.

Em 2009, minha pesquisa sobre o conceito de possibilidade se estendeu ao conceito de Mundos Possíveis e à sua aplicação em teoria da Arte e em Estética. O ápice desse movimento foi a apresentação do trabalho *Filosofia e Arte: Os Mundos Impossíveis de David Lynch*, no *Congresso Internacional Deslocamentos na Arte*, em Ouro Preto-MG. Apresentei também um trabalho sobre Deleuze, mas em uma nova perspectiva: *A Filosofia de Deleuze é uma filosofia dos mundos impossíveis?*, no *VII Encontro Nacional do GT Pensamento Contemporâneo* em Curitiba-PR. Esta apresentação e o artigo que ela gerou, publicado mais tarde, revelam uma

nova maneira de encarar a Filosofia de Deleuze: trata-se de situá-la no campo dos mundos impossíveis, o que de certa forma me distanciava dele.

Em 2009, orientei uma Dissertação de Mestrado sobre os mundos impossíveis de Escher e o problema do paradoxo em Deleuze. Foi um trabalho muito importante que me dera a oportunidade de discutir uma intuição que já vinha há tempos: a de que o artista é construtor de mundos e estes se assemelham a estruturas de mundos possíveis e que foi confrontada pela noção de construção de mundos impossíveis por Escher, cuja obra podia ser compreendida por alguns conceitos de Deleuze. A partir daí mergulhei fundo na discussão da construção de mundos possíveis pela Arte. Naquele momento pensava que mesmo se um artista criasse um mundo impossível ou impossível, como em Escher, só o podia fazê-lo se estabelecesse uma meta ordem para existência daquele mundo na obra de Arte.

Por causa disso tudo formulei um projeto de pesquisa intitulado *O uso estético do conceito de mundos possíveis de Leibniz*. O projeto visava estudar o uso estético contemporâneo do conceito de Mundos Possíveis de Leibniz e formular um instrumental conceitual para analisar alguns objetos culturais contemporâneos como a literatura de ficção científica, o cinema e as artes plásticas e inicialmente as obras de Escher, David Lynch, Borges, Asimov, Philip K. Dick, Lovecraft. Mais tarde estudei ainda Kafka, Kandinsky e várias séries de TV. A formulação deste instrumental foi uma tentativa de pensar as obras de Arte a partir de constructos próprios, apropriando-me de várias formulações teóricas. Foi por causa disso que realizei um estágio de três meses no formato de licença capacitação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a supervisão do professor Guilherme Castelo Branco. Lá desenvolvi a pesquisa *O uso estético do conceito de mundos possíveis*, que seria publicada mais tarde.

No ano de 2009, foram publicados alguns artigos relacionados a pesquisas anteriores: *Comunicabilidade e Juízo Estético em Kant* (CARVALHO, 2009b); *Filosofia da Religião e Candomblé: Questões e Oportunidades* (CARVALHO & PORTUGAL, 2009a).

Em 2010, seguia meu caminho pelos mundos possíveis de Leibniz e sua relação com as obras de Arte. Eu manejava um constructo que formulei para pensar a Arte: o conceito de Microverso. Este conceito é uma releitura do conceito de Mundos Possíveis a partir de sua aplicação às obras de Arte. Na análise da produção, eu o desenvolverei melhor. No período que vai de 2009 a 2011 orientei monografias e pesquisas de iniciação científica em torno deste conceito. Na época, apresentei vários trabalhos sobre o tema: *Simulacro e Mundos Possíveis*, no XIV Encontro Nacional da ANPOF, em Águas de Lindóia-SP; *Mundos fantásticos são*

mundos possíveis?, em Uberlândia-MG. Também fora concluída e defendida a primeira dissertação de mestrado sob minha orientação.

Em 2010, foram publicados vários artigos que se referiam à pesquisa sobre Leibniz: *As Figuras da possibilidade e a gênese do conceito de mundos possíveis* (CARVALHO, 2010c); *Os mundos impossíveis em Cidade dos Sonhos de David Lynch* (CARVALHO, 2010a). Este último mostrava que as obras de Arte podiam expressar mundos possíveis e mesmo impossíveis, não ainda que obras eram mundos, como formulei mais tarde. Ainda saiu mais um artigo sobre Kant: *O Objeto em Geral e o Conhecimento em Geral em Kant: O juízo estético e o juízo de conhecimento* (CARVALHO, 2010b).

7 – TECNOLOGIA E POLÍTICA

O ano de 2011 foi de transição e de lenta modificação da pesquisa. Mais uma vez. Tudo tem a ver com criação do NUPPEC (Núcleo de Pesquisa sobre o Pensamento Contemporâneo) no âmbito do Programa de Pós-Graduação da UFU. Ele foi uma resposta à criação de grupos de pesquisa e de estudos no Instituto de Filosofia e que se referiam a períodos de História da Filosofia. No mesmo ano, o núcleo foi convidado a participar de um seminário intitulado *Percepções Contemporâneas da Tecnologia: Bergson, Horkheimer- Marcuse e Simondon* realizado pelo Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo da UFMG (NEPC), no qual vários membros proferiram palestras. A minha intitulava-se *A invenção criadora dos objetos técnicos: um estudo sobre Simondon*, cujo texto seria publicado mais tarde. Como consequência do seminário, o núcleo foi convidado para se tornar parceiro do NEPC-UFMG, do professor Ivan Domingues, na pesquisa financiada pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais) *As Biotecnologias e o Futuro da Humanidade*. Ao mesmo tempo, eu continuava com a pesquisa sobre o uso do conceito de Mundos Possíveis na Arte. Mas começava a me interessar mais seriamente pelo tema da Tecnologia. Na época comecei a estudar Gilbert Simondon que já tinha conhecido por causa de Deleuze e por ter apresentado um seminário em uma aula na UFMG quando do Pós-Doutorado em 2007. Foi uma leitura transformadora.

O conceito de problema de Simondon me permitiu pensar a relação entre a atividade tecnológica e a atividade artística. Era uma oportunidade de ampliar os horizontes e talvez pensar uma teoria da cultura.

Durante o ano de 2011, eu e vários membros do núcleo participamos de seminários em Belo Horizonte, todos financiados pelo projeto da FAPEMIG. Foi desta participação que surgiu a ideia de uma proposta de pesquisa, que considero uma transição temática: *A Filosofia da*

Tecnologia e sua relação com a Filosofia da Arte. O projeto visava desenvolver o conceito de invenção dos objetos técnicos de Simondon e sua relação com a criação dos objetos artísticos a partir do conceito de Criação de Mundos Possíveis.

No ano foram publicados os artigos: *Possibilidade e Totalidade: Divergência ou Convergência das Séries? Um estudo acerca da relação entre Leibniz e Bergson*, (CARVALHO, 2011a); *Gilles Deleuze e Guimarães Rosa, uma conexão entre filosofia e literatura: o devir, o duplo e a metamorfose* (CARVALHO, 2011b). Este sintetizava uma pesquisa antiga e que estivera na origem do Pós-Doutorado na UFMG em 2007; e *A conformidade a fins como princípio transcendental da faculdade de julgar reflexiva em Kant* (CARVALHO, 2011c). Fiz as seguintes apresentações no ano: *Os mundos possíveis, impossíveis e impossíveis de Escher*, no Congresso Internacional Imagem, Imaginação, Fantasia, em Ouro Preto-MG; *A terceira crítica de Kant e a poética dos mundos possíveis*, no Primeiro Colóquio Kant Internacional da UFU, em Uberlândia-MG que foi publicado como texto completo nos Anais do evento. Este último é meu abandono definitivo de Kant (embora tenha publicado um outro estudo mais tarde). O cerne da questão estava na noção de criação: se é o gênio que fornece regras à Arte, ele não pode fornecer não importa qual regra, já que para se fazer Arte seria preciso seguir as determinações que orientam como fazer “mundo”. Kant ou Leibniz? Fiquei com o último.

Durante todo o período continuava com a apropriação da Filosofia de Leibniz e envolvido nas discussões acerca da Tecnologia feitas em Belo Horizonte. O modo de conciliar os dois temas estava na tentativa de entender a diferença entre objetos técnicos e objetos artísticos, como disse acima.

Ainda em 2011, ministrei um curso na Pós-Graduação em Filosofia da UFU, onde discuti o conceito de possibilidade e de mundo em Leibniz, Kant, Suárez e Wolff. As discussões renderam um artigo em 2010 sobre Kant que é meu tributo final à sua Filosofia.

Em 2012, o NUPPEC participou de outro seminário conjunto com o NEPC-UFMG e mais o grupo SCIENTIA STUDIA da USP, em Belo Horizonte-MG, cujo tema intitulava-se *Jornada Simondon*. Novamente foram feitas várias apresentações pelos membros do NUPPEC-UFU. Eu apresentei o trabalho *A relação entre o objeto técnico e o artístico em Simondon*. O texto foi publicado depois. Começava, assim, a construção de uma rede nacional de pesquisa que envolvia o grupo da USP, UFMG e UFU. Mais tarde outros grupos e pesquisadores foram incorporados. Durante o resto do ano várias vezes, os membros do NUPPEC-UFU estiveram em Belo Horizonte-MG, para participar de vários seminários temáticos, por causa do projeto FAPEMIG.

Na ocasião publiquei alguns textos que mostravam minhas últimas leituras das Filosofias de Deleuze e Kant: *As ideias transcendentais e a função lógica de relação em Kant* (CARVALHO, 2012b); *Plano de Imanência e Univocidade do Ser em Deleuze* (CARVALHO, 2012a). Este último foi uma tentativa de mostrar como compreendia a Filosofia de Deleuze. Se ela era uma Filosofia da Diferença era também uma Filosofia da Repetição. Ainda foi publicado um artigo importante que pode ser tomado como parte das conclusões do meu estudo do uso de conceito de mundos possíveis de Leibniz em *Estética: Artes e Mundos Possíveis* (CARVALHO, 2012c). Também orientei vários trabalhos e dei cursos na graduação sobre o tema no período. Fiz, ainda, uma apresentação em Curitiba-PR, intitulada *Em torno da filosofia da técnica de Simondon*, e assim, começava uma parceria que dura até hoje. Foi ainda publicado o artigo, que expressava minha pesquisa à época sobre Filosofia da Tecnologia: *A Invenção Criadora dos Objetos Técnicos: Um estudo sobre Simondon* (CARVALHO, 2012d).

Em 2013, publiquei o artigo *A Filosofia de Deleuze é uma filosofia dos mundos impossíveis?* (CARVALHO, 2013). Trata-se de uma prestação de contas da Filosofia de Deleuze. Foi um ano importante, decisivo e de mudança de rumo de minha pesquisa. Estava estudando o uso do conceito de Mundos Possíveis em *Estética* e ao mesmo tempo participando de um grupo e de um projeto financiado pela FAPEMIG coordenado pelo NEPC da UFMG, e por isso o tema da Tecnologia se impunha à reflexão com mais força. Fui a Belo Horizonte-MG durante todo o ano de 2013, para participar de inúmeros seminários temáticos. Um seminário em particular me chamou a atenção, tratava-se do tema da Convergência Tecnológica NBIC, a sinergia entre as Nanotecnologias, as Biotecnologias, as Tecnologias da Informação e as Ciências Cognitivas. Fiquei bastante interessado. A discussão do tema teria repercussões na sequência da minha vida...

O ápice do ano foi a organização pelo NUPPEC conjuntamente com NEPC da UFMG, do SCIENTIA STUDIA da USP e com o que viria a ser o NET (Núcleo de Estudos da Técnica) da PUCPR do *Colóquio sobre a Filosofia da Tecnologia de Andrew Feenberg* com a presença do mesmo, em Uberlândia-MG. No evento proferi a palestra *A Transformação da Tecnologia através da Arte, um estudo sobre Andrew Feenberg*, que seria publicada mais tarde. Foi um evento fantástico, muitas ideias surgiram. O NUPPEC foi ampliado e incluiu professores da área de arquitetura e biologia celular e foi convidado pelo NEPC-UFMG para participar da Fase Dois do projeto FAPEMIG: *As Biotecnologias e o Futuro da Humanidade: Regulações*. O grupo da PUCPR formou o NET e estabeleceu parceria duradoura com os outros grupos. Esta parceria rendeu muitos frutos para todos e continua até hoje. Ainda em 2013, apresentei em

Curitiba-PR o trabalho: *Em torno da Filosofia da Técnica: a técnica e a estética em Simondon e Feenberg*. O texto foi publicado depois.

O estudo de Feenberg foi outro divisor de águas. Sua proposta de transformação da modernidade me fez afastar da Filosofia Francesa, movimento que explicarei quando for analisar minha produção mais à frente. Sua proposta de redesign de tecnologias me ajudou a pensar o tema da Criação que há tanto tempo vinha me acompanhando. Eu tinha encontrado uma maneira de voltar a Bergson e à sua noção de criação dos possíveis para pensar a Tecnologia, tentando entender aquele conceito de Feenberg. Além disso, consegui uma maneira de relacionar Arte e Tecnologia. Ao considerar as duas como atividades fundamentais e necessárias, o fazer Arte e o fazer Tecnologia, pude determinar a partir de Simondon que ambas nascem de problemas enfrentados pelos “humanos”.

Ainda em 2013, ministrei pela primeira vez um curso sobre Filosofia da Tecnologia com ênfase no pensamento de Andrew Feenberg na Pós-Graduação.

Em 2014, o NUPPEC propôs a constituição do Centro de Estudos Estratégicos em Convergência Tecnológica (CEEET) no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFU (PROPP). Conseguimos reunir uma ampla equipe: professores da Administração, da Educação, da Filosofia, da Computação, da Medicina, da Biologia, da Engenharia Elétrica, das Artes, da Biotecnologia, da Economia e outros. Foi uma experiência de muito aprendizado e que deu muitos frutos apesar do centro não ter sido constituído até hoje. Conseguimos realizar um encontro em 2015, formular um estatuto para o centro e participar do que se chama hoje o CODEN (Conselho de Desenvolvimento Econômico) de Uberlândia e ainda formular algumas linhas de pesquisa mais gerais para a Universidade. O CEEET como centro de estudos e pesquisa em convergência era pensado como um instrumento para articular diversos tipos de núcleos, centros, grupos que operavam com desenvolvimento de tecnologias relacionadas à Convergência Tecnológica. Ele também pretendia fomentar novos grupos e realizar estudos e pesquisas sobre convergência com características de excelência e de inovação, abrangendo as diversas áreas do conhecimento e propor políticas e projetos de pesquisa comuns. A ideia do centro nasceu daquela palestra sobre Convergência Tecnológica que fiz referência acima, mas infelizmente ainda não foi implementado na UFU.

Em 2014, os membros do NUPPEC foram várias vezes a Belo Horizonte-MG para participar de atividades relacionadas à pesquisa FAPEMIG. Gostaria de destacar minha participação na construção de um projeto de pesquisa para concorrer a um edital da FAPEMIG na modalidade PRONEX (projeto de excelência) coordenado pelo NEPC-UFMG. O projeto se intitulava *Tecnologias Convergentes e a Agenda Brasileira: Potenciais, Riscos e Regulações*.

O projeto não foi aprovado, mas representou um esforço coletivo de elaboração que contou com a participação de mais de 20 doutores. Um fato bastante relevante do período foi a participação no *Congresso Internacional Biotecnologias e Regulações: Desafios Contemporâneos*, em Belo Horizonte-MG, que significou a conclusão da pesquisa FAPEMIG. Eu apresentei o trabalho *O uso das analogias organo-maquínicas da Cibernética pelas Biotecnologias*, que seria publicado como capítulo de livro mais tarde, com outro título. A apresentação expressava o rumo de minhas pesquisas na época e o intenso debate que fazíamos internamente no NUPPEC-UFU. Eu estava absorvido pela discussão da Tecnologia e no caso pela sua dimensão epistemológica. Tinha abandonado a discussão acerca da relação com os objetos artísticos e estéticos e tive, na época, uma pesquisa aprovada pela FAPEMIG na modalidade Projeto Universal. O projeto fazia parte de uma pesquisa mais ampla intitulada *O paradigma Cibernético e o paradigma Biótico* que pretendia analisar as noções de máquina e organismo dentro dos paradigmas cibernético e biótico que estabeleciam diferentes conceitos de informação e concepções dos objetos técnicos. Estava já imerso no tema da Tecnologia.

O ano foi conclusivo para a pesquisa sobre os usos do conceito de Mundos Possíveis em Estética. Publiquei os artigos: *Mundos Fisicamente Possíveis: um estudo sobre o debate Leibniz e Arnauld*, (CARVALHO, 2014d) que representa a conclusão de minha leitura de Leibniz; *Maravilhoso como mundo (ficcional) possível* (CARVALHO 2014c); *O mundo híbrido da Metamorfose de Kafka como mundo possível* (CARVALHO, 2014b); *Seremos Sempre Humanos?* (CARVALHO, 2014a).

Em 2015, logo no início do ano participei da organização juntamente com a equipe do CEECT e da PROPP do *Primeiro Encontro Tecnologias Convergentes: definições e desafios institucionais*. No mesmo ano comecei a pesquisa financiada pela FAPEMIG-Demanda Universal cujo principal objetivo era a proposição de um instrumental filosófico de análise de riscos tecnológicos advindos da Convergência Tecnológica. Tratava-se de analisar as consequências envolvidas na adoção de paradigmas tecnológicos ligados às agendas de pesquisa relacionadas à convergência entre as Tecnologias da Informação e as Biotecnologias que orientavam os processos de concepção-design, entendidos como metodologias de invenção de objetos técnicos. A análise dos paradigmas envolvidos no processo de convergência entre as Tecnologias da Informação e as Biotecnologias sairia publicado em capítulo de livro pela UFMG mais tarde.

A participação no *Ninth Principia International Symposium: Possible Worlds and Their Applications* em Florianópolis-SC e a apresentação do trabalho *O uso do conceito de mundos possíveis de Leibniz em Filosofia da Arte* e posterior publicação em capítulo de livro concluiu

meu estudo sobre Leibniz e Arte e Estética. Além disso, publiquei os artigos: *A transformação da tecnologia por meio da arte: um estudo sobre Andrew Feenberg* (CARVALHO, 2015a) que expressou a apresentação feita no Colóquio Feenberg de 2013; *A contribuição da noção de tecnoestética de Gilbert Simondon no projeto de transformação da tecnologia de Andrew Feenberg* (CARVALHO, 2015b), que expressou a contribuição dos dois autores na minha tentativa de pensar Arte e Tecnologia.

Ainda em 2015, saí de licença capacitação para estreitar laços entre o NUPPEC-UFU e o NET-PUCPR e fui para Curitiba-PR, sob supervisão do professor Eladio Craia. Na ocasião apresentei um trabalho no *III Simpósio de Filosofia da Técnica* intitulado *Convergência Tecnológica e Filosofia*. Considero que foi muito importante discutir este tema. Há hoje, inclusive, um grupo de estudos sobre o tema na PUCPR. Foi neste estágio que percebi a necessidade de adensar a rede de pesquisa nacional que vinha sendo esboçada desde 2012 e para isso participei, junto com o professor Eladio Craia e outros da criação do Grupo de Trabalho (GT) Filosofia da Tecnologia e da Técnica da ANPOF do qual fui escolhido como coordenador.

Gostaria de contar um detalhe. Em um evento na PUCPR encontrei um livro do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto *O Conceito de Tecnologia* (VIEIRA PINTO, 2005), que foi decisivo na sequência para fazer outro deslocamento na minha pesquisa.

Em 2016, saiu o capítulo de livro *O Uso Estético do Conceito de Mundos Possíveis* (CARVALHO, 2016a) que expressou o estudo conclusivo do tema sobre que me debrucei por alguns anos. Publiquei também o artigo *A emergência de um grupo de trabalho em filosofia da tecnologia e da técnica*, conjuntamente com o professor Gilmar Szecepanik (CARVALHO, & SZCEPANIK, 2016b). O artigo expressava a concepção de pesquisa do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica.

Foi um ano de reviravolta. O País em polvorosa por causa da tentativa de golpe parlamentar (que foi realizado mais ao final do ano) e eu lendo Vieira Pinto. Foi uma iluminação. De repente, dei-me conta da minha covardia e alienação, e fiquei me perguntando sobre o sentido de minhas pesquisas filosóficas até aquele momento. Era preciso me “engajar” novamente. Eu me perguntava: qual tinha sido o movimento intelectual que fizera que me distanciara tanto da ação política?

A principal contribuição do pensamento de Vieira Pinto à minha formação intelectual foi sua proposição da ideia de Nação como Projeto a ser realizado. Tal tema deveria ser objeto de reflexão filosófica, pensava eu. O contato com este pensamento teve um efeito devastador e conferiu inteligibilidade ao que fazia antes e abriu enormes perspectivas para pesquisas futuras

e para a ação política. Foi um daqueles raros encontros que mudam uma vida e permitem dar sentido retrospectivo e prospectivo aos caminhos percorridos e a percorrer. Além disso, as formulações de Vieira Pinto também me permitiam compreender várias questões da conjuntura brasileira. O que eu perdi nos anos todos de formação filosófica foi a “consciência crítica”, além de não ter percebido a urgência de colocar o Brasil como tema de pesquisa filosófica. Eu não tinha a “perspectiva nacional” em minha pesquisa. Eu estava “alienado” do Brasil, de seus problemas concretos e da necessidade de usar a Filosofia para compreendê-los e buscar soluções. Criar a Nação devia ser o objetivo estratégico do pensador brasileiro. Devia ser a partir deste objetivo que um pensador deveria estabelecer seu plano de pesquisa e de ação. Eu não era mais o mesmo após ter lido Vieira Pinto. E também tinha mudado minha compreensão da Tecnologia e do papel da Filosofia...

Em 2016, houve três encontros da rede nacional de pesquisa expressa formalmente no GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica. O primeiro em Teresina-PI, no qual apresentei o trabalho *A Filosofia da Tecnologia e situação política do Brasil atual*. Tratava-se de uma primeira síntese de minha leitura de Vieira Pinto e que foi publicada depois. O segundo foi em Curitiba-PR, intitulado *Bioética, Técnica e Tecnologia*, no qual apresentei o trabalho *Tecnologia e Política, a Filosofia de Álvaro Vieira Pinto*. Eu reintroduzia o tema da Política na minha vida depois de muitos anos considerando-o do ponto de vista filosófico. Parece que tinha encontrado finalmente uma narrativa, algo que aspirava quando comecei a estudar Filosofia na UFMG, mas que o tipo de formação dispendida na instituição bloqueava e desviava. Falarei disso mais adiante. Por ora, basta ressaltar que tinha mudado de perspectiva de pesquisa em Filosofia da Tecnologia, passei dos problemas epistemológicos, ontológicos e mesmo estéticos para as relações entre Tecnologia e Política. O terceiro encontro aconteceu no âmbito da ANPOF em Aracaju-SE, onde apresentei os resultados parciais da pesquisa financiada pela FAPEMIG intitulada *Os Paradigmas biótico e cibernético e a Convergência Tecnológica (APQ 00297-14)*. Tratava-se do primeiro encontro do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica. Na oportunidade foi feita a proposta de criação de uma rede sul-americana de Filosofia da Tecnologia.

Depois desta última apresentação, que reunia as discussões sobre Convergência Tecnológica e os conceitos de objeto técnico de Simondon e de redesign de Feenberg, passei a me concentrar no estudo sobre Vieira Pinto e formulei um projeto de pesquisa que visava explicitar a novidade filosófica do seu conceito de tecnologia e a relação entre Filosofia, Tecnologia e Política. O objetivo era mostrar que talvez a originalidade da Filosofia no Brasil

estivesse na formulação de um conceito de Tecnologia ligado à noção de desenvolvimento nacional. O projeto teve muitos desdobramentos na sequência de minha carreira acadêmica.

Em 2017, o estudo e a pesquisa sobre Álvaro Vieira Pinto se adensou e tornou possível minha participação em vários eventos e algumas publicações. No segundo semestre comecei um estágio de pós-doutorado na PUCPR sob supervisão do professor Eladio Craia. Antes disso participei de um singular evento em Belo Horizonte junto com os professores Ivan Domingues e Alberto Cupani que pretendia pensar a implementação da disciplina de Filosofia da Tecnologia no CEFET-MG. Na ocasião proferi a palestra *Filosofia da Tecnologia: área para filósofos e não filósofos*, em que mostrei a necessidade de incluir no conteúdo da disciplina, as questões levantadas por Vieira Pinto e que diziam respeito ao tipo de tecnologia útil para o País, à necessidade de incrementar o tipo de trabalho feito nele, à alienação causada pela absorção de tecnologia “alienígena” e outras.

Em 2017, saiu publicado o texto que tinha apresentado em 2016 no Piauí: *Tecnologia, Política e Filosofia em Álvaro Vieira Pinto* (CARVALHO, 2017a); e *Convergência Tecnológica e Filosofia* (CARVALHO, 2017b), que sintetizava a apresentação feita na PUCPR no ano de 2015 e focava a urgência da Filosofia pensar o tema da Convergência. Saiu publicado, também, uma variação do tema como capítulo de livro nos *Anais da ANPOF, Filosofia da Natureza, da Ciência, da Tecnologia e da Técnica: Convergência Tecnológica e Design*. (CARVALHO, 2017d). Neste texto, foram apresentadas as conclusões do projeto financiado pela FAPEMIG nos anos de 2015 a 2017. Além disso, publiquei outro texto conclusivo: *A invenção dos objetos técnicos e a atividade Artística: uma leitura de Gilbert Simondon* (CARVALHO, 2017c). Foi um ano de conclusões e de começos.

No segundo semestre, comecei outro Pós-Doutorado na PUCPR. Logo no início participei da organização do Workshop realizado pelo NET *A Técnica em Questão: bioética, filosofia da técnica, tecnologia e sociedade*, onde se reuniram professores de várias instituições – PUCPR, UFPR (Universidade Federal do Paraná) e UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) – para tentar montar uma pauta de pesquisa e de discussões a partir das perspectivas dos temas do evento. Na oportunidade apresentei o trabalho *Proposta de Pesquisa em Filosofia da Tecnologia a partir de Álvaro Vieira Pinto*.

Depois disso, participei de um encontro internacional em Mar Del Plata, na Argentina, onde foi realizado o *VIII Coloquio Internacional de Filosofia de la Técnica: el estatuto de lo artificial*, apresentando o trabalho *Filosofia da Tecnologia, Política e Desenvolvimento Nacional em Álvaro Vieira Pinto*. Na oportunidade foi reiterada a proposta de criação da rede

de pesquisa sul-americana em Filosofia da Tecnologia e realizado o segundo encontro nacional do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica.

No começo de 2018, proferi uma palestra intitulada *A Filosofia da Tecnologia de Álvaro Vieira Pinto*, na *Conferência Internacional Tendências da Filosofia da Tecnologia em Língua Portuguesa* organizada pelas Universidade de Lisboa e de Évora, em Portugal.

O Pós-Doutorado na PUCPR corria a todo vapor. Foi publicado o capítulo de livro *SISTEMA CIBERNÉTICO E SISTEMA BIÓTICO: Duas visões da relação entre máquina e organismo* (CARVALHO, 2018a) que expressava as conclusões de minha participação tanto no projeto FAPEMIG que liderei quanto as do projeto FAPEMIG *Biotecnologia e Regulações*, liderado pelo professor Ivan Domingues.

Ainda, em 2018, participei do *Encontro Internacional da AFHIC* (Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul), em Buenos Aires-Argentina, onde apresentei o trabalho *Qual Tecnologia, Qual Sociedade, qual desenvolvimento?* No encontro foi proposta a criação de um grupo para a formulação de um projeto de pesquisa transnacional do qual fui escolhido como coordenador.

Ao voltar para o Brasil, participei da organização do *WORKSHOP do NET: Tecnologia, Inovação, Empreendedorismo e Sustentabilidade*, realizado em Curitiba na PUCPR, onde apresentei o trabalho *Inovação para quem? Para qual sociedade?* No evento apareceu a necessidade de se construir uma narrativa crítica aos temas do Workshop e acrescentá-la ao projeto de pesquisa internacional. Ainda em 2018, fiz uma visita técnica à Universidade de Quilmes–Argentina, para estreitar as relações entre as equipes brasileira e argentina de pesquisa em Filosofia da Tecnologia e formular o projeto de pesquisa em comum do qual eu fora designado como coordenador da equipe pelo lado brasileiro. Ao voltar, apresentei o trabalho *Nação como conceito da Filosofia da Tecnologia em Álvaro Vieira Pinto*, no *XVIII Encontro da ANPOF* em Vitória-ES, que também hospedou o terceiro encontro do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica do qual me despedi como coordenador.

Ainda em 2018, apresentei *A Filosofia, Tecnologia e Desenvolvimento*, no *Encontro de Filosofia Contemporânea da PUCPR*. E publiquei o artigo *A Filosofia da Tecnologia e o Desenvolvimento Tecnológico Nacional* (CARVALHO, 2018b). Ao voltar do Pós-Doutorado criei o GET – Grupo de Estudos da Tecnologia – para poder participar do projeto de pesquisa internacional com o grupo da Argentina, inserindo Uberlândia-MG na rede internacional de pesquisa em Filosofia da Tecnologia.

A pesquisa de Pós-Doutorado realizada na PUCPR entre agosto de 2017 a novembro de 2018 teve como objetivo mostrar a originalidade do pensamento filosófico brasileiro em relação

à Filosofia da Tecnologia a partir do estudo da obra de Álvaro Vieira Pinto. Minha conclusão foi que a principal contribuição do autor à tradição de pesquisa da Filosofia da Tecnologia estava na maneira como articulava Filosofia, Política e Tecnologia. Outra conclusão importante era a de que seu pensamento permitia formular uma proposta de política tecnológica para o desenvolvimento nacional. Havia em Vieira Pinto, uma relação entre conceitos filosóficos de tecnologia e políticas tecnológicas estratégicas. O principal resultado da pesquisa foi a formulação de uma questão: como a Filosofia pode contribuir para a formulação de uma visão tecnológica nacional? A busca da resposta à pergunta é a direção atual da minha pesquisa.

Tal foi o meu percurso acadêmico, intelectual e profissional até agora. Passarei em seguida a fazer uma análise mais detida dele.

8 – ANÁLISE DOS NÚCLEOS TEMÁTICOS

Farei uma análise dos núcleos conceituais que esposei nos últimos anos e que me levaram aos problemas que pesquiso atualmente. Será feita uma seleção dos passos dados à luz do caminho que sigo e pretendo seguir. De posse do relato feito acima, passo agora a analisar os quatro núcleos temáticos que me orientaram até agora: Kantismo, Deleuzianismo, Leibnizianismo, Tecnonacionalismo.

8.1 – KANTISMO

O ponto de partida para o estudo de Kant foi o problema da Sociabilidade, tema presente também em outros núcleos temáticos. Como vinha da militância política, tinha a percepção de que era o conflito que permeava as relações sociais e não o consenso como pretendia Habermas. E não apenas de fato, mas de direito. Minha intuição era que a intersubjetividade era gerada no conflito. Foi a partir dela que fiz o projeto acerca do Sentido Comum na Crítica da *Faculdade do Juízo de Kant*, como disse acima. Tal tema tinha a ver com a pretensão à universalidade e à necessidade dos juízos estéticos ou com o que poderia ser chamado de “comunicabilidade não argumentativa” como fui descobrir no estudo sobre Kant. Eu fiquei profundamente marcado pelo curso de Deleuze que fizera no começo da Graduação. Deleuze falava em intersubjetividade estética em Kant e dizia que sem as obras de Arte não poderíamos compreender *outrém*. Na época tinha apresentado um trabalho sobre o estruturalismo. Nele partia do conceito de subjetivação de Foucault para propor o que chamava de “processo de intersubjetivação”. E com isso vislumbrei a possibilidade de pensar as noções de

Intersubjetividade e Comunicabilidade a partir de uma Filosofia da Diferença. E para fazê-lo queria partir da “Estética” de Kant, tal como Deleuze a entendia. Queria estudar um Filósofo clássico da História da Filosofia, tal como exigido pela formação na UFMG.

Kant aparecia como uma alternativa a Habermas já que a comunicabilidade estética que defendia não era fundada nem na linguagem e nem em conceitos. Quando terminei a Dissertação, umas das conclusões era que o problema da comunicabilidade dos juízos estéticos se referia à ideia de um Substrato Suprassensível da Humanidade. Kant pensava a sociabilidade a partir do direito e da legalidade. E por isso o abandonei.

A discussão sobre a ideia de Substrato Suprassensível está em CARVALHO (2005a). No artigo, afirmo que a fundamentação dos juízos estéticos exige um determinado conceito do Suprassensível: o do substrato comum a todos os homens e da natureza. As noções de Conformidade a Fins da natureza às nossas faculdades – como uma determinabilidade do suprassensível e a ideia de Substrato Suprassensível da Humanidade – e de Conformidade de nossas faculdades à natureza seriam a chave da exigência da pretensão dos juízos estéticos à universalidade e necessidade. Estas noções aparecem na Dialética da Faculdade de Julgar Estética. Elas implicam as ideias de 1) substrato suprassensível da natureza; e 2) de substrato suprassensível da humanidade (e da relação deste com aquele). Eu concluía que Kant, no juízo de gosto, fazia apelo a uma norma ideal que servia como regra para a discussão e para a imputabilidade da comunicabilidade e para a pretensão à comunicabilidade da sensação para qualquer um. A norma era expressa no conceito de Substrato Suprassensível da Humanidade enquanto ampliação prática do conceito de Sentido Comum estético. O conceito de um Substrato Suprassensível da Humanidade permitia a Kant fundamentar e validar a pressuposição de uma comunidade de seres racionais e sensíveis. Esta conclusão me afastava de Kant já que estava muito distante do problema da “intersubjetividade diferencial”.

O estudo da terceira crítica, que tinha feito até ter chegado àquele ponto, foi publicado em diversos artigos. Em CARVALHO (2005d) mostrava que o problema da passagem do domínio do conceito de natureza ao domínio do conceito de liberdade tinha tomado a forma da necessidade de pensar uma receptividade média do ânimo, tendo em vista a sensibilização deste à lei moral. A receptividade transcendental era para Kant a dimensão estética da Mente. Ao unir a legalidade do entendimento e da razão por meio da legislação da faculdade de julgar reflexiva, Kant construía um terceiro termo na tópica das faculdades superiores da mente humana, a faculdade de sentir prazer enquanto dimensão da mente humana. Este problema ainda foi abordado, mas com outro enfoque em CARVALHO (2007a). Nele abordo o problema da passagem entre os dois domínios de conceitos. Toda esta discussão sobre a gênese da terceira

crítica prossegue em CARVALHO (2008b), onde abordei sistematicamente o abandono por Kant do projeto de construção de uma crítica do gosto em favor da construção de uma crítica da faculdade do juízo. Em CARVALHO (2009b) aparece uma das principais discussões da Dissertação de Mestrado: o problema da comunicabilidade dos juízos estéticos, em que explícito o que Kant entendia por isso.

Como fui publicando trechos da dissertação em diferentes momentos, foi em CARVALHO (2001), que mostrei a maneira como Kant pretendia fundamentar a universalidade e necessidade dos juízos estéticos. Tratava-se de uma espécie de fundamentação cognitiva, pois se não havia conceitos a partir dos quais se podia basear a fundamentação, havia pelo menos uma referência ao que Kant chamava de faculdade de conhecer em geral. Em CARVALHO (2008c), desenvolvi melhor isto referindo àquela faculdade a faculdade de sentir. Em CARVALHO (2010b), discuti a relação entre o que Kant chamava de “conhecimento em geral” na terceira crítica e o “objeto em geral” da primeira, tentando concluir a discussão acerca do modo como a discussão da fundamentação dos juízos estéticos o levou a pensar em termos de Sistema. Foi a concepção de “Sistema da Crítica” que me fez abandonar Kant. De maneira precisa, isto aconteceu por causa do conceito de Substrato Suprassensível da Humanidade, como disse acima. Este conceito é que tinha permitido a Kant pensar a passagem entre as Críticas. Mais tarde, em CARVALHO (2011c) apareceram minhas últimas considerações sobre Kant com conteúdo da Dissertação de Mestrado.

Foi por causa do modo como Kant entendia a comunicabilidade, referindo-a a um substrato suprassensível da humanidade, noção esta que lhe permita colocar o problema da relação entre as críticas, que me fez abandoná-lo. Mas o tema da sociabilidade voltaria...

Na introdução e conclusão da Tese de Doutorado ele retorna, principalmente quando afirmo que não há forma superior de vida e que toda vida tem direito de pretender qualquer tipo de satisfação, mas que sua realização depende da sua institucionalização e que esta era alvo de disputa política. Em CARVALHO (2005b) tentei mostrar como Deleuze pensaria a Sociabilidade. O tema naquele momento, pensado fora dos quadros da Filosofia de Kant, ganhava um aspecto mais elaborado, mais de acordo com minha antiga intuição acerca da importância da noção de conflito. O texto mostrava a transição do estudo de Kant para o de Deleuze em relação ao problema da Sociabilidade e surgiu a partir de meu posicionamento frente às questões suscitadas quando da feitura da Graduação. Naquele texto, usei o conceito de Multiplicidade de Deleuze. Isto implicava que estava me tornando “deleuziano” no sentido de usar seus conceitos para pensar problemas. Volto a este texto depois. Doravante, o tema da

Sociabilidade seria abordado em outra perspectiva. Em relação a Kant, voltei a publicar ainda mais dois textos que serão analisados mais adiante.

8.2 – DELEUZIANISMO

O segundo núcleo, “deleuzianismo”, se conecta ao primeiro ampliando-o e o levando a outra direção. Sua origem está no projeto de Doutorado sobre o conceito de Criação Social, enquanto tentativa de voltar a pensar a Política, tema de que tinha “me desviado” pela formação na UFMG e por causa da passagem por Kant.

O conceito de Criação Social teria sido um modo de retornar à questão da busca de uma narrativa para a militância política e me livrar das questões que permeavam minha formação na UFMG. Era uma maneira de colocar uma questão “própria”. Seria possível pensar uma criação radical na política? Deleuze e Castoriadis, que não cheguei a aprofundar, pareciam ser uma alternativa por causa do aparente anti-hegelianismo de ambos.

Ao fazer o Doutorado e um estágio em Paris, a questão tinha mudado. A Tese de Doutorado versou sobre a multiplicidade das formas de vida. Ao voltar a Montes Claros e ler Guimarães Rosa, percebi as tantas formas de vida no sertão. Então, tudo tinha ficado claro para mim. Grande Sertão Veredas, formas de vida, formas de sociabilidade, ou Plano de Imanência e Formas de Vida. Estes tinham se tornado os temas da Tese. Gostaria de, antes de continuar a falar sobre isso, destacar que em CARVALHO (2007b) fiz uma interpretação de Spinoza por Deleuze. O texto é anterior à Tese, mas indica bem que já havia intuído o problema da analogia e da univocidade, caro a Deleuze, antes de considerá-lo efetivamente depois. Tratava-se de uma primeira aproximação conceitual de Deleuze feita por causa de um congresso que opunha a imitação à expressão realizado na UFMG.

Outro texto anterior à tese (CARVALHO, 2008a) e publicado depois tratava do conceito de Criação Social em Hume ou da sua teoria do artifício ou da convenção e expressava minha preocupação com o tema da Criação Social. No texto afirmava que para Hume a natureza humana era cognitiva, social e passional. Em Hume ao naturalismo no âmbito cognitivo se seguia o convencionalismo (teoria do artifício) no âmbito social. Para mim, os dois componentes da natureza humana em Hume eram a crença e o artifício. O que estava em jogo era a relação entre as paixões, a simpatia e o artifício que compunham regras gerais que se referiam à justiça. Eu tentava entender em que medida o homem era uma espécie inventiva e como se podia falar em um artifício não arbitrário. Tal era o problema da criação social em

Hume. O texto, como disse, fora publicado depois do término da Tese, mas expressava uma questão anterior a ela e já uma aproximação à Filosofia de Deleuze.

Em minha interpretação da Filosofia de Deleuze, na Tese de Doutorado, dizia que a ideia de “Plano de Imanência” era sua resposta ao problema da univocidade e da analogia, um antigo debate da História da Filosofia. Tratava-se do problema acerca do uso da analogia de proporção ou unidade focal de significação de Aristóteles, questão que se desdobrava na da Eminência que tinha seu ápice na Filosofia do Um de Plotino. A questão se desdobrava, ainda, na crítica scotista ao problema da analogia a partir da univocidade do ser, perpassava a filosofia de Giordano Bruno, à qual dediquei um estudo (CARVALHO, 2007c), a partir de sua concepção de univocidade real e o conceito de natureza naturante e a Filosofia de Spinoza, no que tocava à relação entre substância e atributo que permitia falar em Imanência. Ainda estava implicado nas Filosofias de Bergson, no seu conceito de Multiplicidade, e de Nietzsche, no seu conceito de Eterno Retorno e de Vontade de Poder. Esta era minha interpretação de Deleuze, que explicarei um pouco melhor mais adiante. Em CARVALHO (2005c e 2012a) traço este percurso da Tese de Doutorado. Passo a seguir a falar um pouco mais dela e destes dois textos.

Tudo começou pela tentativa de encontrar um conceito de múltiplo que permitisse pensar a diversidade da vida de fato e de direito, como tinha dito antes. Tal foi conceito de Multiplicidade Virtual. Mas, para chegar até ele, fora preciso percorrer um longo caminho. Em Paris, estudei a relação de Deleuze com o debate histórico entre os partidários da analogia do ser, o ser se diz em muitos sentidos, e os partidários da univocidade, o ser se diz em um só e mesmo sentido. A Filosofia de Deleuze estava entre as partidárias da univocidade. Foi a partir deste debate que ele cunhou o conceito de Multiplicidade e a ideia de Plano de Imanência. O problema da Tese era o da existência de uma multiplicidade de formas de vida: se existisse uma multiplicidade de formas numa vida e de vidas teríamos a necessidade de pensar uma ética plural. Haveria, assim, várias éticas implicadas numa vida, ou melhor, uma vida se pautaria por vários critérios imanentes a si mesma, e haveria, também, uma ética implicada na pluralidade das formas em uma vida. Uma outra questão correlata era a concepção de que a Política seria a esfera ou o terreno da ação inventiva de instituições que se refeririam a determinadas formas de vida. Se houvesse uma multiplicidade de formas em uma vida e de vidas como poderíamos determinar a melhor forma? Haveria uma “forma” melhor que outra? A conclusão era que somente pela esfera política podíamos determinar qual seria a forma que devia ser vivida. Estas questões desembocaram na seguinte questão: como conviver com a pluralidade em nós e fora de nós? Como reunir a diferença e conviver com ela? Como ser diferente não sendo melhor? Para responder a isto tudo, eu tive que pensar o que seria uma “forma de vida”.

“Forma de Vida” foi o nome que dei ao complexo de afetabilidade, à matriz intensiva, à capacidade de afetar e ser afetado de um “ente”, à forma de ser. Cada complexo afetivo da vida é um eu. A conclusão era que cada vida implicava a coexistência de poderes de afetar e ser afetado, articulados em complexos e, por isso, haveria uma pluralidade de identidades. A afetabilidade compreenderia limiares, medidas que forneceria o mínimo ou o máximo de variação dessa afetabilidade. A vida se articulava e disporia esses limiares em complexos, em multiplicidades, em rede. Era este poder de perplicar, de dispor em redes limiares de afetabilidade que era a vida. Eu pensava uma forma de vida como um limiar de afetabilidade, que determinaria o que ela poderia suportar. Cada limiar seria uma multiplicidade virtual, esboço e implicação, interpenetração de graus de variação de relações dos poderes de afetar e ser afetado. Um animal, por exemplo, um lobo, não seria um modo de ser, mas um atributo, uma forma de ser, porque um lobo implica uma variação determinada ou um índice do poder de afetar e ser afetado. Um lobo é um atributo, um gênero, um devir da vida, de uma vida. Seríamos a cada vez um complexo determinado de poderes de afetar e ser afetado. Seriam estes complexos endógenos à vida que chamamos de formas de vida. O humano seria, então, apenas uma norma de articulação dos graus de afetar e ser afetado. Ao ultrapassarmos certa medida ou um limiar tornar-nos-íamos não humanos, animais, demônios...

Minha interpretação era que Deleuze lia os atributos em Spinoza como formas dinâmicas e ativas que podiam ser comparados a verbos. Cada atributo exprimia uma essência infinita, quer dizer uma qualidade ilimitada. Os atributos eram pensados como verbos exprimindo qualidades ilimitadas, essências infinitas ou qualidades substanciais. Os atributos eram concebidos como uma natureza no infinitivo. Cada atributo-qualidade possuía uma quantidade infinita, cada qualidade substancial uma quantidade modal-intensiva. O atributo era uma qualidade infinita que continha quantidades ou graus de potência, os modos. As essências dos modos, como graus de potências implicariam os atributos. Um modo é uma quantidade de uma qualidade. Cada vida possui qualidades últimas, atributos que seriam suas qualidades, suas tendências que comportam modos, intensidades, potências de afetar e ser afetado. Eu interpretava os atributos como multiplicidades virtuais e estas como formas de vida de uma vida e das vidas. Uma forma de vida é um atributo.

“Forma de vida” significava também a configuração de uma vida a partir de suas pretensões de satisfação. A satisfação de uma forma de vida somente podia acontecer em um sistema de regras e valores, em uma determinada instituição. Uma forma de vida implicava uma instituição em suas pretensões de satisfação, uma configuração societária determinada e exprimiria uma forma de sociabilidade própria. Por isso tinha defendido, na Tese, que a Política

era o espaço de confrontação entre as várias pretensões de sociabilidade. Se coubesse o problema da disputa entre as pretensões de satisfação das formas de vida das vidas e de uma vida, a pesquisa após a Tese apontava para o problema da relação entre as formas de vida e as formas de sociabilidade do ponto de vista da constatação empírica.

Eu definia uma “forma de sociabilidade” como uma forma de coexistência de formas de vida que possuíam a mesma medida e norma. Uma forma de vida implicava e exigia uma forma de convivência. Para compreender uma forma de vida, devíamos nos perguntar: qual mundo deveria existir se essa forma (uma forma qualquer) fosse satisfeita? O problema é que cada forma de vida quer sempre ser o critério último. Sempre uma vida se acha superior às outras. E cada uma se acha como critério de instituição de uma forma de sociabilidade. Não haveria, assim, uma forma de sociabilidade que não implicasse a eleição de uma forma superior de vida que serviria de critério para aquela. Seria o Direito que selecionaria a Lei a determinar qual seria a forma de vida que seria tomada como boa, superior ou justa. A Lei só existira porque nem todas as pretensões seriam legítimas. O drama da sociabilidade se configuraria a partir da oposição entre a melhor forma de vida *versus* a forma diferente. Uma compreensão da não superioridade de uma forma de vida em relação às outras implicaria uma nova relação com a Lei, com a sociabilidade e a eleição não do Direito, mas da Política que determinaria a forma de sociabilidade. Como não postular a existência de uma forma superior de vida e mesmo assim encontrar critérios de sociabilidade? Resposta: é a dimensão da Política que regerá o conflito. Mas, não se trataria de discutir a existência ou não de critérios últimos que julgariam qual seria a melhor forma de vida, e sim de pensar se poderiam existir ainda critérios sem a eleição de uma forma superior de ser e de pensar qual seria a esfera de formulação desses critérios. Para isso, seria preciso instaurar um plano de sociabilidade que incluísse as diferentes formas de vida num plano de coexistência que não implicasse a destruição e a eliminação das formas de vida que não se compusessem entre si. Seria preciso instaurar um plano de sociabilidade que permitisse a existência de diferentes formas de vida ou uma forma de tratamento da diferença que não implicasse eliminação de formas diferentes e a postulação da existência de uma forma superior de ser. Foi através do conceito de Multiplicidade de Deleuze que cheguei à noção de pluralidade intrínseca, interna e imanente à própria vida. É por causa da multiplicidade da vida que seria preciso pensar uma pluralidade de éticas e de formas de coexistência societária elegendo a esfera política como espaço da disputa das várias pretensões vitais. Assim, o meu problema, se configurava, à época como o da necessidade de pensar a vida como posição plural de pretensões. Eu concebia a existência de uma multiplicidade de pretensões à sociabilidade implicados em cada vida e em cada configuração ou forma que essa vida assumisse a cada

momento. Foi por causa disso tudo que procedi à elucidação do debate acerca do uso da analogia de proporção em alguns momentos da História da Filosofia. Foi tal uso que acarretou a ideia de Eminência cuja figura central era a transcendência. Assim, organizei a leitura de Deleuze em torno do problema da crítica à ideia de Eminência.

O pressuposto é que não havia como pensar a pluralidade radical de uma vida se aceitássemos as noções de superioridade e excelência que a ideia de Eminência implicava. A univocidade é a ideia da inexistência de uma forma superior de ser, mas não a indistinção das formas de ser. E foi com essa ideia que foi feito o combate da noção de Eminência. O desdobramento da ideia de Eminência me levou sucessivamente às ideias de Imanência e de Plano de Imanência. Toda essa discussão mostra que ainda estava pensando em Habermas e em uma maneira de confrontá-lo. Gostaria ainda de destacar algumas outras conclusões.

A crítica da noção de Eminência implica a crítica da noção de transcendência. Eu estava intrigado, pois, se uma vida é pretensão a múltiplas formas de sociabilidade, como pensar um modo de relação num mundo sem transcendência? Apenas a Política poderia resolver o conflito das formas de vida?

Em CARVALHO (2012a), retomo as discussões da Tese em relação às três figuras da univocidade: Scoto, Spinoza e Nietzsche. Concluo que 1- não havia a existência de uma forma superior e absoluta de ser; 2- não havia a existência de uma exterioridade radical à natureza; 3- havia a existência, justificada, de uma lógica interna ao múltiplo. Na época, queria pensar: 1- um mundo sem transcendência; 2- a vida como multiplicidade de pretensões a diferentes planos de sociabilidade; 3- a política como esfera de formulação das pretensões das vidas e das pretensões de uma vida. Estas três questões me permitiram pensar a relação entre imanência, formas de vida e política.

Em CARVALHO (2005b), referido acima, trato especificamente da questão da sociabilidade em Deleuze. No artigo, digo que cada forma de vida é já uma maneira de relação ou forma de sociabilidade implicada em suas pretensões de satisfação. Também discuto o problema da implicação das multiplicidades e de sua disposição em redes pelo plano de imanência. Para tanto, considere no artigo a relação entre social e o desejo em Deleuze, relação inscrita no que chamei acima de “lógica das multiplicidades”. Os textos que tratam das noções de Multiplicidade e Virtual em Deleuze são: CARVALHO (2005e, 2006 e 2007e). Este último trata da relação entre o social e o desejo em Deleuze e Guattari. Nele, chamo desejo a pretensão (muitas vezes não consciente) de satisfação que só se realiza em uma formação social.

Como disse, logo após o término da Tese, estava pensando o problema da Sociabilidade a partir de Deleuze. De certa maneira, ele teve outro tratamento em CARVALHO (2007d), onde

refleti acerca da relação entre Adorno e Deleuze a partir da discussão do conceito de Forma no primeiro e o conceito de Multiplicidade Virtual ou Qualitativa do segundo. No texto digo que, segundo Adorno, em Hegel temos uma totalidade em que, na relação dos antagonismos, atribui-se à individuação uma posição inferior na construção do todo. No que diz respeito à relação das partes entre si, no todo, Adorno a concebe a partir da relação de atração e repulsão, mas sem síntese. Numa totalidade, onde essas relações são resolvidas, há fechamento. Sua proposta é de pensar um conceito de totalidade “aberta”. Isto significa a ideia de processo ou devir da relação entre o todo e as partes. Para Adorno, não há primado do todo, já que não se trata de optar nem por uma totalidade fechada em seus momentos e nem pela dispersão absoluta de suas partes. Trata-se de uma relação de equilíbrio instável, que não se resolve para nenhum dos polos, a parte e o todo. Mas, se Adorno critica a totalidade como subsunção do não-idêntico ao idêntico, como pensar um elemento enquanto parte que se opõe (já que ele não abdica da noção de oposição) ao todo e aos elementos em relação? Parece que ele pensa uma tensão entre as partes e o todo, a partir de um processo de negação e de antagonismo contínuos, mas sem resolução.

Eu concluí que havia em Adorno uma lógica da relação entre partes/todo e entre partes/partes baseada nas noções de atrito, atração, repulsão, antagonismo. Assim, o devir era gerado pelas tensões internas de uma totalidade, na relação do campo de forças antagônico entre uma totalidade e as contradições reinantes no seio das particularidades. O equilíbrio não estaria nem no seio das particularidades, nem na unidade dos momentos, mas na tensão entre todo e partes e entre partes e partes. Pareceu-me que era em torno do conceito de Dialética Negativa que a Filosofia de Adorno devia ser posta em xeque no que diz respeito à sua atualidade e capacidade analítica da sociedade contemporânea. Se fosse essa a concepção de Adorno, ele tentava tornar o conceito de Dialética Negativa um conceito que diferisse de outras tradições de origem marxiana. Eu concluí que o problema era que Adorno pensava a relação todo/partes e intra-partes pela negação. Concluí, também, que não se podia decidir *a priori* qual seria a lógica das relações entre os termos, mas apenas mostrar “em qual caso” tal lógica se apresenta. Não se pode saber de antemão se se trata de oposição, contradição (mesmo não resolvida) ou tensão. Adorno, que criticava o pensamento abstrato de Hegel, por causa da sua concepção de totalidade, parecia que apenas “abria” o campo especulativo do hegelianismo, mas permanecia preso na abstração. E por isso, na época sugeri a superioridade da Filosofia de Deleuze por causa do seu conceito de Multiplicidade que propunha outra relação entre todo e parte e mesmo outro conceito de totalidade, se é que podíamos chamar assim. O conceito de Multiplicidade Virtual implicava que em cada caso as relações parte/parte e parte/todo são diferentes a cada

momento. E por isso, também não se poderia afirmar, percebo hoje, se de direito seria o conflito ou o consenso que regia os processos sociais.

Passo agora a analisar meu afastamento do “deleuzianismo”. Acho que dois movimentos foram importantes: o primeiro, o projeto sobre Guimarães Rosa, que era uma tentativa de coroar a leitura do problema da relação entre imanência, formas de vida e sociabilidade. O fato do meu projeto de Pós-Doutorado não ter sido aprovado pela CAPES me deixou bastante chateado e numa crise existencial profunda. Quando ele foi rejeitado, percebi que a recepção da pesquisa sobre Deleuze no Brasil pelo *establishment* era péssima. Os conceitos da Filosofia de Deleuze não conseguiam dialogar com as várias tradições de pesquisa no Brasil. Sua Filosofia estava presa em jogos de interpretação interna. Ser deleuziano era estudar Deleuze e entender seus conceitos e não os usar para pensar determinados problemas. Sendo assim, Deleuze acabava sendo mais um autor da História da Filosofia que um autor fecundo para pensar a atualidade. Talvez fosse essa a maneira que o *establishment* filosófico brasileiro o via. E por isso não conseguia ver a fecundidade de suas formulações. Eu mesmo me via na necessidade de interpretar seus conceitos para torná-los operacionais...

Outro movimento tem a ver com minha entrada no Candomblé e mesmo que ainda, não tinha e não tenha digerido filosoficamente esta experiência, pude perceber uma complexa concepção de transcendência naquela Religião. Havia também várias coisas implicadas no modo como Guimarães Rosa via a transcendência. Tudo isso me fazia considerar criticamente a ideia de imanência mais do ponto de vista pessoal do que acadêmico, mesmo tendo publicado um ensaio sobre o Candomblé e Filosofia, mas com enfoque diferente do problema da relação entre imanência e transcendência como pode ser visto em CARVALHO (2009a).

O modo de estudar Deleuze no Brasil e um questionamento acerca da Ideia de Imanência me afastaram de Deleuze. Ao fazer o Pós-Doutorado sem bolsa na UFMG o professor Ivan Domingues me sugeriu reconfigurar minha pesquisa em Filosofia. Não fiz como com Kant, não abandonei Deleuze, eu o deixei inativo, como diz o povo de Santo, deixei-o adormecido.

8.3 – LEIBNIZIANISMO

Como disse anteriormente, no momento do relato histórico, o estudo e depois o uso da Filosofia de Leibniz foi um dos momentos mais ricos de minha carreira universitária. Publiquei, ministrei cursos na graduação, orientei muitas monografias e bolsas de iniciação científica e fiz muitas apresentações sobre seu pensamento.

A escolha de estudar Leibniz foi feita conjuntamente com a de estudar Bergson. Era uma maneira de ainda não adormecer totalmente meu “deleuzianismo”. Como disse também, o conceito de Multiplicidade Virtual me aparecia como um dos mais fundamentais de Deleuze e como o próprio filósofo disse, ele tinha origem em Bergson, em sua formulação da noção de virtual e esta não podia ser compreendida sem uma crítica à noção de possibilidade.

Para Bergson, é o real que se faz possível e não o possível que se faz real. A não impossibilidade de alguma coisa não implica a determinada de quais são suas possibilidades. Elas podem ser criadas a partir de um fundo de não impossibilidade absoluta. A criação dos possíveis era uma ideia bastante interessante para mim, já que podia retomar o meu velho tema da Criação Social e Política. Também me permitia posicionar-me acerca do debate que se apresentava na época sobre a chamada Semântica dos Mundos possíveis. Eu sempre estava sintonizado com debates que se apresentavam hegemônicos na academia. Mais à frente, critico esta minha posição.

De todo modo, Bergson era uma saída para o meu “deleuzianismo” que fora bastante criticado – fiquei sabendo depois por fontes não oficiais- pela comissão da CAPES que não tinha aceitado o projeto sobre Deleuze e Guimarães Rosa. Quem sabe se eu voltasse a estudar um “clássico” não podia me inserir com mais propriedade no sistema da Pós-Graduação no Brasil.

Foi com esse espírito que comecei a estudar Bergson e logo, logo apareceu a figura de Leibniz. Ele estava na origem do que se chama de lógica modal que operava com as noções de possibilidade, necessidade e contingência. Leibniz aparecia como uma oportunidade de ligar os temas que eram atuais na época à minha compreensão da crítica dos possíveis de Bergson. Se a discussão da Lógica Modal começava com Leibniz, era Bergson quem começava a fundar uma outra posição que deu origem à Filosofia de Deleuze, de certo modo, e de tantos outros na França. Por isso fiquei bastante confortável em pensar a relação entre Bergson e Leibniz. Fiz um estudo detalhado deste último no Pós-Doutorado em Belo Horizonte; em relação ao primeiro, tinha já estudado quando da Tese de Doutorado.

Leibniz é um labirinto. Muitas de suas questões são relacionadas a Deus, à liberdade, à necessidade ou contingência no mundo e do mundo. Parecia que podia encontrar uma maneira de pensar, em outra chave, a relação entre imanência e transcendência e encontrava assim uma maneira de retomar minhas questões recorrentes e talvez formular novas.

A discussão da relação entre Leibniz e Bergson pode ser vista em dois trabalhos: CARVALHO (2010c e 2011a). Nestes textos, apresento a diferença de abordagem do conceito de possível dos dois autores e ainda uma possível gênese do conceito na História da Filosofia.

Para pensar a diferença entre os dois, usei a noção de divergência de séries evolutivas e Bergson e de compossibilidade e impossibilidade das séries de mundos de Leibniz. Para Bergson, a vida é entrosamento mútuo de tendências e a evolução criadora é impulso ao desdobramento destas tendências que se desenvolvem em direções ou séries divergentes. Para Leibniz, a impossibilidade é um princípio de exclusão de séries que pertencem a mundos possíveis diferentes pensados como totalidades sequenciais completas e determinados internamente. A discussão toda girava em torno do conceito de totalidade. Para um, a unidade está no início das séries, mas não ao final, para outro, a unidade está no todo, mas pode haver muitas totalidades diferentes.

A diferença é interna ao todo ou a diferença se dá entre totalidades? Eu estava fascinado com as conexões que podia fazer, ainda mais que “o Deleuze já adormecendo” tinha me ensinado a pensar em termos de totalidade aberta, que possuía nela diferenças entre seus termos. Para Deleuze, a diferença é interna a uma totalidade, a própria totalidade é fruto de uma diferenciação e por isso ela nunca se fecha. As conexões que podia fazer me levaram, então, a ter que considerar a ideia de Mundo (pensado como uma totalidade) em Leibniz. Tudo isso me faz lembrar, agora, a discussão acerca da relação Adorno e Deleuze em torno do problema da relação todo e partes...

Os “mundos possíveis”, sua pluralidade, podiam ser a resposta ao problema da relação entre transcendência e imanência. A concepção de pluralidade de mundos, de totalidades diferentes umas das outras, poderia ser, também, uma alternativa ao conceito de Multiplicidade Virtual de Deleuze? Parece que tinha repostado meu caminho na Filosofia.

Foi com esse espírito que passei a considerar apenas a Filosofia de Leibniz e abandonei Bergson. Este era apenas uma entrada numa estrada que parecia muito fértil, mas que tinha outros caminhos.

A primeira abordagem que fiz do conceito de Mundos Possíveis foi através do cinema de David Lynch. O Deleuze já adormecido agia... Eu ministrava as Disciplinas Estética 1 e Estética 2 na Graduação em Filosofia da UFU e estava intrigado com a narrativa do cineasta. Decidi ministrar um curso sobre ele. Para entender sua obra, precisava do conceito de Simulacro de Deleuze. O conceito diz respeito a uma imitação dessemelhante onde é embaralhado o que é original e o que é cópia. Usei esse conceito para entender David Lynch. Além disso, em algumas de suas obras, parecia que ele juntava em um mesmo mundo dois outros com sequências e coexistências diferentes. Pareceu-me que a junção dos conceitos de Simulacro e de Mundos Possíveis poderia me proporcionar a inteligibilidade do seu cinema. Assim, surgiu a ideia de pesquisar as obras de Arte que expressavam relações entre mundos possíveis

diferentes. Nascia em mim a intuição que o conceito de Mundos Possíveis poderia ser também muito útil em Estética.

Em Lynch, os mundos se comunicam e se relacionam de alguma maneira. Sua narrativa mistura e embaralha as versões possíveis deles, de tal maneira que as sequências e continuidades de cada versão, que se excluem e são incompatíveis ou ditas impossíveis, são postas em contato e interrelação. O que me interessou em David Lynch, principalmente no filme *Cidade dos Sonhos* (LYNCH, 2002) foi sua narrativa-narração falsificante, cujo objeto eram mundos possíveis. No filme, ele opera com o conceito de comunicação, contato e interrelação simulados entre mundos possíveis. Minha hipótese era que o filme podia ser compreendido a partir daquele uso do conceito de Mundos Possíveis de Leibniz. No filme, dois mundos eram postos em comunicação e relação a partir de uma narração falsificante, onde as convergências e interações eram simuladas e não podíamos identificar a continuidade entre elas. Toda essa discussão pode ser vista em CARVALHO (2010a).

Eu tinha encontrado um autor, Lubomir Dolezel (DOLEZEL, 1999), que tentava aplicar a Semântica dos Mundos Possíveis às obras de Arte. Foi um achado e tanto. Eu podia juntar e dar coerência a todas as minhas questões: criação (agora dos possíveis), imanência e transcendência (uma nova figura da transcendência que aparecia em Leibniz), a minha atividade de professor de Estética, a vinculação da pesquisa sobre Leibniz ao debate da Semântica dos Mundos Possíveis e o uso modificado desta às obras de Arte. Logo, logo comecei a analisar obras de Arte com um instrumental que estava desenvolvendo. Na sequência dos anos analisei Kafka (CARVALHO, 2014b), Lovecraft, Kandinsky, *Crônicas de Gelo e Fogo*, *Black Mirror*, Lewis Carrol, Philip K. Dick, o universo fantástico (CARVALHO, 2013b) e o universo do maravilhoso (CARVALHO, 2014b).

Assim, minha primeira abordagem do conceito foi usá-lo para analisar a representação artística de mundos possíveis. Para mim, na época, a Arte representava os mundos possíveis que Deus não tinha criado. O artista era pensado como um demiurgo que “via” os mundos (projetos) abandonados por Deus quando escolheu o melhor para ser criado e os dava vida nas obras de Arte.

Antes de prosseguir, gostaria de destacar que na época desta discussão foi publicado meu trabalho-projeto sobre Deleuze e Guimarães Rosa. O texto não operava com o conceito de Mundos Possíveis e ainda fazia parte do meu “deleuzianismo” (ver CARVALHO, 2011b).

Aos poucos, ocorria uma pequena modificação no modo como usava o conceito de Mundos Possíveis de Leibniz. Eu estava abandonando a proposta de estudar Leibniz por ele mesmo. Eu queria era aplicar seu conceito de mundos possíveis. Estava bastante animado. O

estágio que fiz com o professor Guilherme Castelo Branco no Rio de Janeiro foi um ponto de virada na discussão toda. Durante o estágio, pude perceber que, mais do que representar mundos possíveis, cada obra de Arte era um mundo possível. Tal concepção aparece em CARVALHO (2012c).

Antes de continuar, gostaria de destacar a publicação de um texto que trata das ideias transcendentais em Kant (CARVALHO, 2012b). O texto difere de outras publicações anteriores. O artigo trata de uma parte de um curso que ministrei na Pós-Graduação em Filosofia da UFU, em que discuti a noção de “fim do mundo” ou do mundo como ideia ou categoria. A ideia de mundo em Kant era uma crítica ou sua afirmação? No texto, eu discuto parte deste problema, já que, antes de entender a ideia de Mundo como ideia transcendental, era preciso entender o que era uma ideia transcendental. Era disso que o artigo tratava.

Neste período todo, é preciso lembrar que eu começava a participar das atividades em Belo Horizonte-MG relacionadas ao tema da Tecnologia. Tudo acontecia em paralelo.

Gostaria agora de retomar minha leitura do conceito de mundos possíveis de Leibniz e seu uso em Estética. Ela é expressa de maneira sintética em CARVALHO (2016a) e em CARVALHO (2014d). Minha compreensão era que Leibniz concebia o conceito de mundos possíveis como sequências possíveis do universo, cada uma possuindo uma noção geral ou primitiva de ordem, suas próprias leis de movimento e dependentes de determinados desígnios divinos e decretos livres e possíveis de Deus. Assim, ao lado da noção da pirâmide dos mundos possíveis ou do palácio do destino que concebia que os mundos são variações ou versões factuais diferentes, que expressam diferentes sequências e continuidades, havia, em Leibniz, a concepção, formulada no debate com Arnauld sobre o Adão pecador, de que os muitos mundos seriam, também, diferentes variações ou versões das leis físicas de mundos, cada um deles dependente de uma noção primitiva ou geral que determinaria o conjunto das possibilidades em geral, sua cosmologia enquanto conjunto de possibilidades físicas, sua história, enquanto conjunto de possibilidades históricas e sua ordem complexa enquanto estrutura diádica que relacionava o domínio natural ao sobrenatural. Cada mundo estaria implicado em uma noção primitiva que o constituía como tal. Os mundos podem ser diferentes em relação às leis de ordem constituídas por “noções primitivas ou gerais de mundos”. São elas que determinam o sentido geral de um mundo. Era esta concepção de mundos possíveis que aplicava à Arte.

A apropriação e uso estético deste conceito de Mundos Possíveis, tornando-o componente de um instrumental de análise das obras de Arte, foram constituídos aos poucos. Para usar o conceito, fiz um estudo dele do ponto vista histórico. Descobri que Leibniz foi o primeiro a fazer um uso estético do conceito, e que apenas contemporaneamente observaríamos

de novo este uso. Dois autores contemporâneos me chamaram a atenção: Lubomir Dolezel – ao qual já fiz referência antes – que usou o conceito a partir de uma interpretação da Semântica dos Mundos Possíveis; e Étienne Souriau (SOURIAU, 1983) que o fez a partir de uma interpretação de Leibniz e da confecção do difícil conceito de pluralidade dos modos de existência.

As posições históricas que analisei me sugeriram que “mundos possíveis” podiam ser tomados como referências para os universos dos discursos das obras de Arte. Tratava-se de deslocar a referência da representação de uma obra, do que chamamos de mundo real, para uma configuração possível de mundo. Assim, o “mundo real” não era o fundamento e ponto de referência inevitável para qualquer construção artística. Infinitos mundos logicamente e fisicamente possíveis concebidos também o podiam ser. Mesmo se falássemos em imitação da natureza, ela era compreendida como um tipo de universo leibniziano. Assim, de maneira sintética, num primeiro momento, podíamos dizer que os poetas imitariam mundos possíveis preexistentes ou descreveriam domínios ocultos do mundo real. A poesia imitaria mundos possíveis que de algum modo preexistiam ao ato poético. O poeta era um descobridor e não um criador. Mas, a abordagem de Lubomir Dolezel (1999, p. 13-54) permitia pensar isto de maneira diferente. Para ele, o conceito de “mundo ficcional” era uma categoria superior, mais englobante e inclusiva que a de fábula ou história, porque as fábulas e as histórias para ele tinham lugar em certos tipos de mundos, pensados como macroestruturas modais de ordem. O que tornaria um mundo possível seria a presença de uma macroestrutura modal de ordem que regeria aquilo que incluiria exclusivamente em relação a outros de maneira totalizante do ponto de vista do possível, existente e necessário. Uma ordem modal diz daquilo que é possível e impossível em geral em um mundo e seu campo de relações. Cada mundo possuiria uma macroestrutura à qual todos os seus componentes teriam que se ajustar. Cada uma controlaria a entrada de componentes nos mundos e somente seriam admitidos aqueles que a cumprissem e se ajustassem a ela. Por isso não poderíamos misturar o universo da ficção científica com não importa qual outro. Se o fosse deveria haver uma meta ordenação que regeria esse cruzamento. Assim, a configuração de uma ordem modal constituiria, distribuiria e selecionaria o que seria possível ou impossível conformando um mundo. Os mundos ficcionais seriam identificados a tipos de mundos possíveis com diferentes ordenações modais. Um mundo ficcional é um tipo de macroestrutura modal de ordem de mundo possível. Poderia haver diferentes tipos de ordens configurando diferentes tipos de mundos. Tal formulação era uma crítica às teorias da ficcionalidade que afirmavam que as ficções eram imitações ou representações do mundo verdadeiro ou real, o que faria com que o universo ficcional fosse reduzido ao modelo de um

mundo único. Para Dolezel, os mundos possíveis não existiram no intelecto divino e não seriam descobertos um intelecto ou imaginação excepcionais, mas construídos e estipulados pelas atividades criativas. Mas, havia mais um aspecto a ser considerado. O que fazer com obras que não eram representativas?

Uma apropriação singular do conceito de Mundos Possíveis feita por Étienne Souriau (1983) nos permita responder esta indagação. Trata-se de pensar a obra de Arte como uma maneira de existir de um mundo e não apenas como tendo um mundo possível como referência de seu universo de discurso. Trata-se da intrigante noção de possibilidade existencial, da ideia de que há uma pluralidade de modos de existência e de que os mundos possíveis podem existir de diferentes maneiras. Uma delas é a artística. Não se trata mais de pensar a representação dos mundos nas obras de Arte, mas de pensá-las como modos de existência dos mundos e de mundos. Esta leitura permite pensar algo mais que o problema da referência do universo do discurso artístico a mundos possíveis. Ela permite pensar as obras de Arte como maneiras de existir de mundos possíveis enquanto diferentes tipos de versões lógicas, físicas, históricas, transcendentais de mundos. Uma obra de Arte é uma maneira de existir de uma versão lógica, histórica, física, e de uma versão de transcendência ou imanência de mundos. As versões possíveis de mundo em diversos aspectos, na obra de Arte, tornam-se versões existenciais de mundos. Não mais se trata de pensar as referências de uma obra de Arte, tomadas como estruturas de mundos possíveis, mas de pensá-la como um tipo de mundo, uma possibilidade de existir de um mundo. Cada obra é um Mundo, além de poder representar um tipo de mundo ou mesmo nem isso. Comecei a conceber a atividade artística como aquilo que constitui versões existenciais de mundos, as quais chamei de Microversos.

O Microverso é uma totalidade mais englobante que a noção de mundo possível. O prefixo micro significa duas coisas: 1- que a obra de Arte, antes de representar um mundo, um tipo de mundo possível, é uma maneira de existir de um mundo, é um mundo, uma possibilidade existencial de um mundo existir; 2- que a obra de Arte é um pequeno mundo enquanto interpretação existencial possível de um mundo. Tal foi minha interpretação do uso do conceito de Mundos Possíveis de Leibniz para analisar obras de Arte. Cada obra de Arte é um Microverso, uma maneira de existir de um mundo possível. Cada obra constitui um ambiente inclusivo último: a tela acrescida do que tem nela, por exemplo.

Outro aspecto de minha interpretação estava no uso da concepção leibniziana de “noção primitiva de mundo”. Leibniz diz que Deus concebe, antes de criar um mundo ou o mundo atual, uma noção primitiva que o determina do ponto de vista da sua ordenação modal. Interpreto a ideia como aquilo que expressa o complexo “dramático”, problemático que é

concebido pelo artista como aquilo que quer “ver” desenvolvido e “desenrolado” na sua obra. Trata-se da posição de sentido do Microverso proposto pelo artista. O Microverso é, assim, um conceito de totalidade. E sendo assim, poderia haver um Microverso sem representação de mundo.

Na época desta formulação toda sobre os mundos possíveis, apresentei e publiquei o texto intitulado *A terceira crítica de Kant e a poética dos mundos possíveis*. (Cf. CARVALHO, 2012e). Nele aparece a diferença entre o modo de criação do mundo feita por Deus, que eu usava como analogia para se pensar as obras de Arte, e a noção de gênio de Kant. Meu “leibnizianismo” me dizia que até certo ponto Kant estava certo, que o artista dá regras à Arte, mas para mim elas ainda dependiam da noção primitiva que cada artista formulava para criar um Microverso. Não é qualquer regra que pode ser criada, mas somente aquelas que dizem respeito à construção de mundo ou de Microversos. Há limites para a criação. Criar Arte é criar mundo ou Microverso e para fazê-lo é preciso saber como construir um mundo, um mundo artístico. Era o que pensava na época e por isso abandonava Kant definitivamente. Não sei, hoje, se tal posição é satisfatória, mas na ocasião era isso o que tinha em mente.

No mesmo período, publiquei um artigo em que perguntava se a Filosofia de Deleuze era uma Filosofia dos mundos impossíveis (CARVALHO, 2013a). No texto discuti a ideia de disjunção inclusiva e de mundo enquanto multiplicidade aberta na qual todos os possíveis o habitavam, não enquanto formas já constituídas, mas enquanto tendências de configuração de mundo. Para mim, o mundo das impossibilidades de Deleuze só podia existir na Arte e através da constituição de uma noção primitiva que integraria os impossíveis em uma unidade de sentido. Uma obra de Arte totalmente aberta e impossível só seria “possível” se concebida para tanto e para isso haveria já uma meta ordem que guiaria sua constituição. Não se pode saber se o mundo é como Deleuze o concebe, mas de acordo com meu “leibnizianismo” se pode saber como é uma obra de Arte. Era mais um abandono...

É hora de falar, então, de certa pausa do “leibnizianismo” e da tentativa de análise da obra de Kandinsky. Tudo isso ocorreu simultaneamente a uma modificação do meu objeto de pesquisa. Eu estava começando a pensar filosoficamente o tema da Tecnologia. Não digo que tenha abandonado o uso do conceito de Microverso, mas ele havia passado por algumas modulações. Já vinha observando a dificuldade de operar o conceito com a música por exemplo. Foi o encontro com a obra de Kandinsky que me fez repensar o conceito, apesar de relativo sucesso na interpretação de sua obra, acredito eu.

Na análise da obra abstrata de Kandinsky, eu tentei usar o conceito de Microverso que envolvia um mundo ou cosmos possíveis. A obra dele é uma composição de formas gráficas e

formas coloridas a partir de uma “notação” que inventou e que acreditava reproduzir o que chamava de mundo espiritual: a dimensão sem rosto das tensões, direções e tendências, a grande Harmonia. Kandinsky formulou uma série de categorias afetivas que constituiriam o ser das formas que a perpassariam e a determinariam do ponto de vista de sua temperatura, do seu regime de luz, do seu movimento-força e do seu equilíbrio dinâmico. As formas-elementos da pintura são quentes, frias, concêntricas, excêntricas, superficiais, profundas, luminosas, escuras, agudas, graves, angulares, silenciosas, ruidosas, maleáveis, livres, densas, ascensionais, passivas, ativas nômades, sedentárias. Quem dominar a análise dessas categorias e, por conseguinte, o universo das formas lineares e das cores, idêntico ao das forças do cosmos espiritual, será capaz de compreendê-las em suas relações e reconhecer padrões e sentir prazer. As regras da composição implicavam o conhecimento do efeito interior dos diferentes meios e de sua combinação. Seria preciso conhecer as ressonâncias interiores entre os elementos para que uma composição pudesse ser feita. Ela seria uma espécie de diagrama artístico das relações das forças, de seus contrastes e tensões. A cada vez, Kandinsky mostraria determinada relação dos afetos, que é o grande domínio do Abstrato. Ele criou uma tipologia gráfica e pictórica, verdadeiro dicionário e vocabulário formal das linhas e das cores, espécie de inventário interior ou das ressonâncias para criar temas líricos e dramáticos como cenas do domínio do mundo espiritual-afetivo. O jogo das linhas, cores, superfícies, em Kandinsky seria a própria história do cosmos espiritual. Eu tinha conseguido aplicar o conceito de Microverso que envolvia um mundo na obra de Kandinsky...Eu passei a entender o conceito de Microverso como um tipo de mundo paralelo. Será que poderíamos entender a atividade artística como atividade de construção de uma maneira de existir de universos paralelos? Não seriam as obras de Arte universos paralelos nos quais alguns não têm “mundos”? No momento estou em processo de avaliação do uso do Conceito de Mundos Possíveis. E aos poucos, nestes últimos anos, o tema da Tecnologia foi se sobrepondo ao tema da Arte. É hora, então, de passar ao último núcleo temático...

8.4 – TECNONACIONALISMO

Como tinha dito, desde 2012, comecei a participar de várias reuniões do grupo do professor Ivan Domingues em Belo Horizonte-MG. O começo de tudo foi uma apresentação feita em 2011 sobre Gilbert Simondon. Eu o tinha estudado um pouco antes por causa do Pós-Doutorado na UFMG em 2006-2007, como disse antes, e também por causa de Deleuze que o cita várias vezes, mas não tinha me detido mais profundamente em sua obra. Quando da

preparação para a apresentação em 2011 procedi a uma leitura mais detalhada de *O Modo de Existência dos Objetos Técnicos* (SIMONDON, 2008). A leitura de Simondon me fez perceber um tema que se conectava às minhas discussões em Estética e foi nessa perspectiva que apresentei uma discussão sobre seu conceito de Invenção Técnica. Minha entrada no tema da Tecnologia se deu através deste conceito. Para Simondon, os objetos técnicos são inventados e o modo como o são serve como paradigma para a criação em outros domínios. Esta concepção me enfeitiçou. Tinha encontrado, de novo, o tema da criação, podia ampliar minha reflexão a outras atividades humanas e ainda me inserir naquele importante grupo de pesquisa e continuar no campo do “deleuzianismo” mesmo que ele ainda continuasse adormecido ou quase “sonambulando”.

A leitura de Simondon, nessa época, pode ser vista em CARVALHO (2012d). Nesse escrito, já aparece a tentativa de pensar Arte e Tecnologia. Eu pensava a Arte através do uso do conceito de Mundos Possíveis e concebia a criação dos objetos artísticos como criação de mundos e começava a conceber a Tecnologia a partir do que Simondon chamava de invenção criadora. Eu tentava integrar a noção de criação de Mundos Possíveis e a noção de Invenção de Objetos Técnicos e saber como o modo de produção dos objetos artísticos se relacionava ao modo de produção dos objetos técnicos. No texto consegui apenas discutir o conceito de Invenção Técnica ficando a possível relação entre as atividades tecnológica e artística para ser pensada em outro momento.

Ao me inserir, junto com o NUPPEC, nas discussões em Belo Horizonte por causa do projeto financiado, tive que ler um vasto repertório de autores que tratavam do tema da Tecnologia.

Em 2012, foi-nos proposto a realização de um colóquio sobre Simondon junto com um grupo da USP. A apresentação deu origem a uma publicação que apareceu muito mais tarde, em 2017 (Cf. CARVALHO 2017c). No artigo, aprofundo a discussão acerca da relação entre criação artística e invenção técnica. Tudo tinha a ver com a noção de problema. Concluía que cada atividade humana estava geneticamente ligada a um processo de resolução de problemas. Esta ideia me absorveu completamente a ponto de incluí-la em meus cursos de Estética.

A ideia era que o problema que gerava a realidade técnica era da ordem do obstáculo, daquilo que impedia determinada continuidade operatória entre homem e meio. O problema é aquilo que provocava uma descontinuidade operacional entre os dois e tensão ou polarização da ação. A continuidade de uma operação seria interrompida por um obstáculo e constituía por isso uma polaridade homem e meio, provocando uma descontinuidade operacional entre eles. O homem e o meio entravam em disparidade operacional e por causa disso era necessária uma

espécie de mediação. Para restituir a continuidade, reparar o hiato, e superar a incompatibilidade operacional entre homem e meio, era preciso fazer uma invenção. A invenção técnica era esta atividade intelectual de resolução de problemas, de superação da descontinuidade e da incompatibilidade entre realidades disparatadas operacionalmente. A invenção técnica era a resposta à tensão entre duas ordens de grandezas sem comunicação operacional. Assim, quando duas ordens se tornavam disparatadas, era necessária uma mediação para entrarem em comunicação interativa. A mediação era um modo de sair da situação problemática. Assim, eu concluía que a invenção técnica era a constituição de uma ordem mediata que transformava a disparidade e tensão em estrutura. A mediação era feita pela invenção dos objetos técnicos.

Eu aprendia também, com Simondon, que o domínio das obras de Arte não esgotava a experiência estética. Esta revelava a tendência do homem a buscar a totalidade. A Estética era, para ele, uma experiência que ultrapassava a experiência da Arte. Esta última nascia do impulso estético, mas não se confundia com ele. A Estética é a tendência à busca de totalidade e estava no cerne da constituição das obras de Arte. Parecia, então, que o problema tratado pela criação artística dizia respeito ao problema da totalidade...

Demorei-me na análise desta discussão de CARVALHO (2017c), porque se trata de um tema muito caro à época e sintetizava o que vinha pensando sobre a relação entre Arte e Tecnologia. De qualquer forma, a apresentação em 2012 abriu-me mais do que uma possibilidade de pensar a Tecnologia: poderia pensar também uma nova maneira de encarar a Estética e talvez juntar a noção de criação de Microversos pela Arte à de invenção de objetos técnicos pela Tecnologia. A noção de problema de Simondon me fornecia os meios para isso. Além disso, reencontrei o tema da totalidade...

As discussões em Belo Horizonte-MG durante todo o ano de 2012 estavam a todo vapor. Sentimos a necessidade de dar ênfase à discussão da Tecnologia no âmbito da UFU. E isto foi feito durante todo o ano de 2013. Após formarmos o grupo, organizamos um evento em Uberlândia-MG, que já fizera alusão antes, sobre a obra de Andrew Feenberg.

A leitura da obra do filósofo americano foi decisiva para mim. Sua concepção de que a Modernidade ainda continha projetos possíveis de emancipação mexeu muito comigo. Sua concepção de democratização da Tecnologia, tanto em relação ao uso dela, como em relação à sua criação, colocava no centro do debate a dimensão política. Eu reencontrava mais um tema caro a mim. Meu “deleuzianismo” agora estava em um sonho dentro de um sonho... A possibilidade de engajamento da Filosofia da Tecnologia (doravante começava a usar esta terminologia) de Feenberg me fazia reencontrar-me com meu passado. Reencontro este que só

foi se radicalizando. Uma curiosidade: quando Feenberg veio ao Brasil, estavam acontecendo as chamadas “marchas de junho”.

Outra noção de Feenberg agitava as discussões do NUPPEC: a de redesign das tecnologias. Eu particularmente tinha encontrado uma referência sólida para pensar a Tecnologia e ainda conectar a discussão ao problema político. O tema da transformação da tecnologia se apresentava melhor do que o da sociabilidade e me permitia, pensava eu, entrar nas discussões contemporâneas a partir de uma narrativa, que sempre tinha procurado, mas que estava sempre sendo desviada, sobre a ação política.

Em CARVALHO (2015a) apresentei uma ideia, a de que a transformação pretendida por Feenberg podia contar com a atividade artística. A Arte podia transformar a Tecnologia, redesenhá-la e democratizá-la. Esta concepção expressava a discussão feita no NUPPEC. No texto era mostrado que a atividade artística interpelava a Tecnologia à invenção de objetos técnicos que pudessem efetivar a imaginação dos possíveis. Desse modo, ao tentar criar seus objetos, o artista produzia especificações determinadas para o design dos objetos técnicos. No texto, finalmente pude usar as formulações que durante anos acumulava sobre a noção de Criação. Usei o conceito de invenção de Simondon – cunhado a partir das noções de problema e de mais-valia funcional, que constituía no objeto, uma multifuncionalidade potencial, permitindo-lhe incorporar efeitos não previstos em sua relação com o meio – e a crítica à noção de Possível de Bergson para pensar a noção de redesign da Tecnologia de Feenberg. Assim, no texto, expressava concepções muito importantes e por isso gostaria de me deter mais um pouco nele.

No artigo, eu dizia que o conceito de potencialidade operacional e funcional de Simondon que explorei em CARVALHO (2012b) podia ser melhor compreendido à luz do conceito de Criação dos Possíveis de Bergson. Para reinventar a Tecnologia, devíamos realizar o potencial técnico inscrito no objeto. Este potencial era um “possível”. Segundo Bergson, em sua crítica ao conceito, tratava-se de uma ilusão acreditar que o conceito de possível fosse menor que o conceito de real, que uma possibilidade fosse algo que possuísse menor quantidade de realidade que a própria realidade e que a possibilidade das coisas precedesse sua existência, e que ela fosse representada de antemão e pudesse ser pensada antes de ser realizada. Segundo Bergson, é o inverso que era verdadeiro: o possível possuía um estatuto ontológico diferente do real, o possível era da ordem da tendência e precisava ser inventado, criado a partir do real. Era preciso criar o possível, pois ele não estava disponível antes de sê-lo. Era o real que se fazia possível e não o possível que se fazia real. Alguma coisa devia ser possível antes de ser realizada, no sentido de que nada a impedisse de ser, mas para que se tornasse real era preciso

uma criação. Para Bergson, a possibilidade de uma coisa não preexistia à sua realidade. Não havia a existência de uma possibilidade antes que ela fosse criada. Para Bergson, a ideia de possíveis que se realizariam por uma aquisição de existência, nada mudando em sua determinação ou natureza (estando os possíveis constituídos em ideias ou em formas latentes preexistentes), era uma ilusão. A possibilidade de uma coisa antes dela ser realizada significava apenas que não havia obstáculo intransponível à sua atualização, que chamava de não impossibilidade absoluta.

A não impossibilidade técnica inscrita em um objeto devia ser lida à luz dessa concepção. Ela significava que não havia um impedimento absoluto de uma coisa ser, mas não quê o que a coisa devesse ser estivesse inscrito nela antes dela ser. O que ela seria dependeria de uma criação, cujo limite era apenas a não existência de um impedimento absoluto. Do não impedimento absoluto não se seguiria o que uma coisa devesse ser. A partir de um não impedimento absoluto, muitas possibilidades podiam ser criadas. O possível técnico era um não impedimento absoluto em termos técnicos. Eu concluía que em todo objeto técnico havia um não impedimento absoluto de realização de um esquema operacional e um campo de superabundância funcional e de funcionamento que podiam ser usados para seu redesign. Nesse caso, seria preciso descobrir os não impedimentos ou obstáculos absolutos nas multifuncionalidades disponíveis nos objetos técnicos, e compreender quais seriam suas mais-valias funcionais para produzir nele reinvenções. As formas que tomariam as funções e funcionamentos reinventados não estavam prefiguradas antes de serem criadas. E por isso toda Tecnologia podia ser transformada.

Na época, afirmava que a atividade artística sempre exigiu que os objetos técnicos incorporassem funções de fabulação de mundos em seus designs. Como todo objeto técnico possuía uma disponibilidade operacional e um domínio de não impedimento operacional próprio, explorar artisticamente os objetos técnicos significava interpelá-los como instrumentos de construção de mundos. A atividade artística podia fazer apelo às disponibilidades operacionais ilimitadas e ao domínio de não impossibilidade técnica (não impedimento absoluto) dos objetos técnicos para que fossem materializados os mundos imaginados. Eu concluía, à época, que, ao interpelar a Tecnologia para materializar um mundo imaginado tomado em sentido absoluto, a Arte exigia que potencialidades operacionais fossem estendidas de maneira radical. Ao interpelar o objeto técnico para torná-lo objeto fabulador imaginando um mundo possível absolutamente, o artista colocaria em xeque o domínio do não impedimento absoluto técnico e a multidisponibilidade operacional de um objeto técnico, exigindo sua transformação radical.

O artigo me permitiu, assim, concluir toda a discussão que havia posto anos antes sobre a Criação. O redesign da Tecnologia demandado pela atividade artística provinha da vontade do artista de tornar o não impossível técnico de cada objeto, em instrumento de criação de mundos. O artista imaginaria possíveis absolutos e pediria à Tecnologia um modo de expressá-los. Eu precisava apenas juntar toda essa discussão em uma narrativa coerente que pudesse conjugar o conceito de criação artística, de invenção técnica, redesign da tecnologia. Esse pensamento me impulsionou adiante.

Ainda 2013, sob efeitos do evento com Feenberg, o NUPPEC, como disse acima, propôs a criação de um centro de estudos sobre a Convergência Tecnológica. Abria, assim, um outro domínio de discussões ao lado da anterior. Além disso, o grupo de Belo Horizonte-MG estava pensando na formulação de uma proposta de pesquisa na modalidade PRONEX. Por causa disso, minha pesquisa sobre a Tecnologia se deslocou da sua relação com a Arte e tomou, digamos, um rumo mais “epistemológico”. Mesmo assim, a questão da relação entre Arte e Tecnologia não tinha ainda se esgotado e por isso fiz mais uma tentativa de reflexão, agora juntando o auspicioso conceito de Tecnoestética de Simondon ao projeto de transformação da Tecnologia de Feenberg, (Cf. CARVALHO, 2015b). No artigo, mostrei como Simondon compreendia a relação da Tecnologia com a Estética. Para ele, a beleza de um objeto técnico e o prazer que podia ser obtido com seu uso técnico, ou mesmo a sua capacidade de modificar o sentido de “Eu” (acréscimo que fiz à concepção tecnoestética de Simondon), estaria na facilidade do seu manuseio. E esta devia fornecer uma especificação para o redesign das tecnologias. Considero que com a publicação de CARVALHO (2015a) e CARVALHO (2015b) esgotara minha reflexão sobre a relação entre Arte e Tecnologia.

Voltando à questão “epistemológica”, diria que foi uma discussão pontual movida pela urgência dos debates que fazíamos no âmbito dos grupos da UFU e da UFMG. Comecei a estudar o conceito de informação e as questões referentes à convergência entre as tecnologias e consegui a aprovação de um projeto FAPEMG, Demanda Universal sobre o tema. As conclusões dessa discussão foram publicadas. Em CARVALHO (2017d) discuti o tema da Convergência Tecnológica e Design, o que representava uma transição da discussão anterior sobre Arte e Tecnologia para a da “epistemologia”.

Este último tema aparece de maneira ainda incipiente em CARVALHO (2018a) que trata da relação entre Filosofia e Tecnologia. Nesse escrito, apontei os desafios da Filosofia postos pela Convergência Tecnológica. Em CARVALHO (2018b) trato do tema *Sistema Cibernético e Sistema Biótico, duas visões da relação entre organismo e máquina*. Nele discuto a concepção da informação na Cibernética e no que chamei de Sistema Biótico. Para a

Cibernética, a informação era compreendida como um sinal que podia ser codificado e transferido de um domínio para outro. A informação era pensada como um padrão e não como um significado. Padrões e sinais podiam ser trocados entre sistemas diferentes. No caso, um era o emissor, e o outro, o receptor. O fundamental era a correlação entre emissor e receptor. A informação era o que permitia a um sistema, o receptor, guiar-se em relação a outro sistema, o emissor. A finalidade da passagem da informação seria estreitar a correlação entre emissor e receptor e aproximar e ajustar o funcionamento do receptor àquele do emissor, em um processo de sincronização. Os sinais que correspondiam à informação eram padrões que podiam ser interpretados e que funcionariam como comandos ou direcionamentos. A informação era a mensagem codificada enviada por um emissor a um receptor, a forma de padrão e organização codificada em um sinal que podia ser decodificada por um receptor. Era este conceito de informação que permitia estabelecer uma analogia entre máquina e organismo. A analogia cibernética estabelecia correspondências entre esquemas operacionais e funcionamentos de organismos e máquinas. Os esquemas operatórios ou modos de funcionamento das máquinas e dos organismos seriam equivalentes e podiam ser intercambiados entre si porque tanto a máquina quanto o organismo eram referidos a um termo comum que os definiam e os colocariam em relação de equivalência. Tal era o que chamava de noção de processamento de informação ou Sistema Cibernético. Tanto as máquinas, quanto os homens eram consideradas sistemas de processamento de informações e, por isso podiam ser conectados e constituir um complexo operacional entre si.

Eu formulei uma crítica a este “paradigma” cibernético, a partir da compreensão de que o organismo não era somente um sistema de processamento de informação e de busca pela homeostase equivalente à máquina, mas outro tipo de sistema: o que buscava replicar-se e propagar sua organização. O pressuposto era que a informação em um Sistema Biótico não era apenas um processo utilizado para autorregulação, mas para a propagação da vida. E por isso a informação devia ser pensada como sendo diferente de um padrão codificado em um sinal e trocado com outro sistema. A informação devia ser vista como uma ação material realizada para propagar a organização e não apenas para mantê-la. Tal era o que chamava de informação biótica. Ela não era um padrão emitido por um sinal, mas uma ação relacionada a restrições que possibilitavam que um organismo convertesse energia livre em trabalho e lhe permitisse operar seu metabolismo e replicar ou propagar sua organização. Havia uma relação entre organização e informação, mas não como na Cibernética em que a informação era pensada como aquilo que era usado para a adaptação homeostática. A informação, agora, era entendida como a ação que

organiza. Um sistema biótico é um sistema que evolui e propaga sua organização. Trata-se de uma nova concepção da informação que se distingue da informação cibernética.

Fiz esta discussão mais detida porque as formulações aqui aventadas se inserem num amplo debate acerca da diferença entre máquina e organismo e revelam uma preocupação ocasional, mas que pode se tornar uma profícua proposta de pesquisa futura. De qualquer modo, não voltei até agora ao tema e me despedi, com a publicação do texto, da discussão “epistemológica” da Tecnologia.

Nesta época, já estava enfronhado nas discussões do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica da ANPOF. Foi no âmbito delas que surgiu o meu atual problema de pesquisa. Em CARVALHO & SZCEPANIK (2016b), explico os temas explorados pelo GT. Foi, então, que passei por uma transformação e meu objeto de estudo se modificou profundamente. Estava agora pensando na relação entre Tecnologia e Política. Meu encontro com o pensamento de Álvaro Vieira Pinto teve um efeito devastador. E foi o responsável por uma nova transformação.

9 – ÁLVARO VEIRA PINTO

Será preciso contar como foi meu encontro com o pensamento de Vieira Pinto para poder ser sentida a dimensão de mudança de ambiência de minha pesquisa. Como disse antes, eu estava na PUCPR em 2015, no segundo semestre, fazendo um estágio de Capacitação Docente, quando encontrei a obra de mais ou menos mil páginas de Vieira Pinto *O Conceito de Tecnologia* (VIEIRA PINTO, 2005). Comecei a ler em dezembro, logo após o aceite de pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Conforme seguiam os trâmites envolvendo aquele pedido, fui lendo o primeiro volume da obra. No começo de 2016, fui convidado a apresentar um trabalho em Teresina-PI, no âmbito de um colóquio sobre a Filosofia da Técnica, ao qual fiz referência antes. Decidi apresentar algo sobre Vieira Pinto.

Em um determinado momento, a concepção da Tecnologia de Vieira Pinto se refere explicitamente à dimensão política ligada à questão da soberania nacional. Primeiro em relação ao uso da narrativa do poder da Tecnologia pelos países centrais (comecei a mudar de léxico), para inculcar uma inferioridade criativa nos países periféricos, depois em relação à dominação causada pela criação e manuseio de “tecnologia avançada” por eles. Encontrei uma afirmação de Vieira Pinto decisiva para mim: “Todo tratamento da tecnologia em sentido genérico e inespecífico, indiscriminado, sem mencionar o fundo histórico, a saber, o país a que se refere, as forças sociais que a manejam e dela se aproveitam, ou resulta da fraqueza de penetração lógica por parte do analista ou oculta intenções maliciosas (VIEIRA PINTO, 2005, p. 295).

Para o autor, não era lícito falar em técnica em geral sem referi-la a um contexto social, a um dado regime de produção e a determinado momento histórico. E neste caso, tal contexto era a disputa entre diversos poderes nacionais.

Esta concepção me fez refletir sobre minha pesquisa acerca da Tecnologia, primeiro a discussão da relação entre Arte e Tecnologia a partir do uso dos conceitos de Design, Criação, Invenção, depois a discussão “epistemológica” a partir do uso dos conceitos de Informação, Convergência Tecnológica, Cibernética. A posição de Vieira Pinto me fez retomar um tema, também “adormecido”: a questão política. Ela me tocava profundamente... e ainda mais com o país dividido por causa do golpe parlamentar que se aproximava...Começava a se apresentar a mim uma nova narrativa política, mas em bases diferentes da que tinha desenvolvido até aquele momento e ela parecia que poderia dar uma significação mais global às questões que me acompanhavam e às novas que apareciam. E, assim, as discussões anteriores sobre a Tecnologia foram abandonadas.

O resultado da aproximação inicial de Vieira Pinto aparece em CARVALHO (2017a). No texto afirmava que seu pensamento tecnológico era a tradução em termos da Filosofia da Tecnologia do que se convencionou chamar “desenvolvimentismo”, enquanto estratégia de construção da Nação brasileira. Mostrava, também, sua crítica às trocas tecnológicas assimétricas entre as nações e a articulação original entre conceitos filosóficos de Tecnologia e políticas tecnológicas. Eu mostrava que Vieira Pinto defendia a formulação de uma política tecnológica autóctone voltada à solução dos problemas nacionais. Para ele, o Brasil deveria priorizar setores e problemas e o desenvolvimento de tecnologias próprias por meio de uma política de estímulo à criação científica e tecnológica. E defendia que cabia ao Estado formular e decidir sobre os programas educacionais e manter as universidades e institutos científicos sob pena de, ao abrir mão do poder de decisão, entregar a soberania nacional. Isto me tocava profundamente...

Logo depois da apresentação em Teresina-PI, antes de o texto ser publicado, houve a autorização pelo Congresso Nacional do *impeachment* de Dilma Rousseff, numa sessão lamentável. Senti-me um covarde. Por onde andava este tempo todo? Como foi possível me afastar da discussão política mais imediata do País? Eu que vinha de uma militância na esquerda? O que tinha acontecido comigo? Por que me desviara tanto das minhas pretensões iniciais de buscar uma narrativa filosófica para a ação política?

Eu sentia que as respostas a estas perguntas estavam nas discussões de Vieira Pinto sobre a Tecnologia e o Nacionalismo e suas críticas à consciência ingênua. Antes de continuar esta reflexão, gostaria de destacar que, no texto publicado, eu dizia que toda Tecnologia

estabelecia formas de convivência, que todo objeto técnico era tanto uma mediação material quanto de relações sociais. Sempre nos relacionávamos por meio de “tecnologias”. Os objetos técnicos sempre criariam formas de convivência social modificando as relações de existência entre os homens. A Sociabilidade seria sempre mediada por um artifício. Pude perceber, mas só agora, escrevendo esse Memorial, que sub-repticiamente tinha encontrado outra maneira de, ao pensar os objetos técnicos, pensar também o problema da Sociabilidade. Não foi à toa que durante todo o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2017 montei um grupo de estudos para discutir, dentre outras coisas, o impacto das redes sociais e o uso intensivo dos *smartphones*.

Foi neste contexto que apresentei o trabalho em Belo Horizonte-MG em 2017 sobre o uso do pensamento de Vieira Pinto na disciplina de Filosofia da Tecnologia, que fiz alusão acima. Nele dei um passo a mais na compreensão do pensamento do autor e aprofundi a discussão acerca da relação entre tecnologia, política e nacionalismo. Eu defendi que o tema da proposta de criação tecnológica autóctone de Vieira Pinto devia ser tema da disciplina de Filosofia da Tecnologia, contrastando, assim, a abordagem acerca do modo “globalizado” de produção tecnológica feita pelas corporações transnacionais. Tratava-se de saber como poderíamos participar de um mundo em que os corações tecnológicos ou competências cruciais eram dominados por aquelas. Era preciso pensar em criação de tecnologias com foco em resolução dos problemas nacionais como tema a ser estudado pela Filosofia da Tecnologia.

Logo depois dessa discussão, fui para Curitiba fazer um estágio de Pós-Doutorado sobre Vieira Pinto. No começo, apresentei um trabalho em um colóquio internacional em Mar Del Plata-Argentina, ao qual já fiz alusão antes. Nele, discuti o tema do Desenvolvimento Nacional a partir da Filosofia da Tecnologia de Vieira Pinto. O texto será publicado em 2019. Gostaria de destacar que foi no evento em Mar Del Plata-Argentina que consegui finalmente entender o que tinha acontecido comigo naqueles anos todos. Posso agora continuar com aquela reflexão que comecei acima...

A formação filosófica da UFMG tornava os estudantes ingênuos do ponto de vista político e de compreensão do País. Na apresentação em Mar Del Plata-Argentina, falei da crítica de Vieira Pinto à mentalidade que impedia de pensar o desenvolvimento nacional. E ela tinha a ver com o que chamava de “pedantismo”.

O pedantismo é umas das formas pelas quais se apresenta a consciência ingênua. Para Vieira Pinto, o pedante age como se tivesse presente e fosse levado em consideração nos debates da Metrópole. O pedante intervém em pessoa nas coisas que na Metrópole se discutem. Mesmo à distância, é também um personagem do “drama intelectual europeu” sendo alguém que se

considera envolvido pelos acontecimentos da região superior (VIEIRA PINTO, 1960, p. 200). O pedante defende que o intelectual precisa viver o seu tempo. Porém, ele sente que vive exilado em seu país, em meio à ignorância e à pobreza, pelas quais finalmente não é responsável. Segundo Vieira Pinto, para o pedante, o que é preciso fazer é uma atualização constante, trazendo para seus grupos “restritos” as graves pendências existentes entre os grandes inovadores da Filosofia e discuti-las seriamente. Vieira Pinto diz que, para o pedante, “sua função capital é uma só: ser a mediadora do saber entre os centros estrangeiros universais e a restrita e atrasada área nacional” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 196) e por isso “ler as obras estrangeiras, tanto quanto possível no idioma original, é a grande proeza da mentalidade pedante do país colonial.” (IDEM). Estava explicada a minha atitude de busca de estar a par dos temas atuais e lê-los a partir do instrumental que ia formulando e das referências filosóficas que estudava. Segundo Vieira Pinto, o saber erudito dos pedantes representa um descompromisso com a realidade em que vivem. Ele se volta contra o progresso: aparecem dilemas como a máquina contra o homem, por exemplo. Para Vieira Pinto, a crítica à técnica é uma mentalidade desastrosa à ideia de desenvolvimento enquanto estratégia para um projeto de autonomia nacional. Esta hostilidade é uma recusa em aceitar seu país como capaz de fazer o novo técnico e avançado e leva a pensar que modificar a Tecnologia deva ser ação de um desvio particular e não objeto de decisão política. Toda a discussão que fazia até então sobre a Tecnologia devia ser politizada. Eu sentia essa necessidade, ainda mais depois do golpe parlamentar... E fora aquela atitude ingênua de não tornar a realidade nacional um objeto de reflexão, para o qual fui “treinado” na minha formação filosófica, que tinha que distanciado da ação política. E pior, me tornado uma espécie de “pedante” de segundo grau. Tudo isso me fizera abandonar Feenberg e toda a discussão acrítica acerca da Tecnologia que vinha fazendo... No seu lugar, em 2017, aparecia o tema do desenvolvimento nacional. Toda esta discussão aparecerá em publicação internacional em 2019.

Em um dos textos a serem publicados em 2019 e que se refere à participação no evento em Mar Del Plata-Argentina, faço a defesa que o conceito filosófico da técnica de Vieira Pinto permite pensar uma espécie de nacionalismo tecnológico e uma determinada formulação do significado de desenvolvimento. Para Vieira Pinto, a técnica é trabalho elaborado e o desenvolvimento é o projeto de uma nação que deseja ser autônoma e para isso constitui para si um aparelho endógeno de produção sofisticado tecnologicamente.

O ano de 2018 começou com mais uma apresentação internacional, ainda sem previsão de publicação. Em Lisboa, no âmbito da *Conferência Internacional sobre a Filosofia da Tecnologia de expressão portuguesa* falei sobre Vieira Pinto. No evento foram discutidas as

diversas formulações sobre a Tecnologia feitas por pensadores de língua portuguesa. Foi um acontecimento muito importante. Se Vieira Pinto é desconhecido no Brasil, o era mais ainda na cena internacional e por isso foi muito importante falar sobre ele em Portugal. Na apresentação, dizia que a novidade do pensamento de Vieira Pinto estava na maneira como concebia a relação entre nacionalismo econômico, tecnologia e filosofia fazendo uma defesa do desenvolvimento de tecnologias avançadas e da criação de polos endógenos de inovação tecnológica, com o objetivo de tornar a nação uma comunidade autônoma que trabalha para si mesma e constitui significações universalizantes.

Em 2018, ainda fiz outra comunicação internacional. Em Buenos Aires-Argentina, eu ampliei a discussão sobre Vieira Pinto e acrescentei à conclusão da apresentação de Lisboa a percepção de que aparecia em sua obra um conceito que se apresentava muito importante em seu pensamento: o de Nação. Havia em Vieira Pinto a proposição de uma inseparabilidade entre “a questão da técnica” e a questão da construção da Nação, a partir da elaboração de um projeto de desenvolvimento de caráter nacionalista, no qual a Tecnologia cumpriria um papel fundamental. Estava começando a perceber que Vieira Pinto era defensor de uma espécie de nacionalismo econômico e como consequência de certo nacionalismo tecnológico. E que isto implicava a defesa da construção de um projeto de desenvolvimento tecnológico autônomo para o Brasil.

Foi com este espírito que apresentei um trabalho na PUCPR em Curitiba-PR, em agosto de 2018, quando discutimos as noções de Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade do ponto vista filosófico. Eu formulei a seguinte questão: como conciliar a defesa da necessidade de criar tecnologias para o desenvolvimento nacional e de formulação de uma política de estímulo à criação científica e tecnológica autóctone voltada à solução dos problemas nacionais com a crescente transnacionalização e exigência da inovação tecnológica?

No evento, foi a primeira vez que relatei o pensamento de Vieira Pinto ao pensamento do nacionalismo econômico de Friedrich List (LIST, 1986). Nele, discuti as noções de forças produtivas em List e o conceito de trabalho nacional de Vieira Pinto. Na conclusão, afirmava que somente o desenvolvimento de forças e cadeias produtivas próprias permitiria a um país fornecer trabalho ao seu povo e que a narrativa da inovação deveria ser inserida em uma visão não individualista da sociedade. Assim, o empreendedorismo devia ter como foco o desenvolvimento da sociedade como um todo. Com Vieira Pinto e com List compreendemos que não se trata de buscar a riqueza como valor de troca, mas de criar forças produtivas nacionais. Sem a constituição de cadeias produtivas “nacionais”, “empreender” é um ato não sustentável, dependente de políticas tecnológicas das corporações e dos países centrais. Assim,

“inovar” e “empreender” deviam ser vetores relacionados à construção de um aparelho produtivo nacional integrado. Foi um evento muito importante. Foi nele que vi Vieira Pinto como um herdeiro longínquo do Nacionalismo Econômico de List e finalmente tinha vislumbrado um núcleo conceitual que poderia fornecer instrumentos de ação política. Toda essa discussão está em CARVALHO (2018b). O artigo trata do tema da Filosofia da Tecnologia, do conceito de Nação e de Desenvolvimento Nacional e que é uma espécie de conclusão parcial do Estágio de Pós-Doutorado na PUCPR.

Depois disso tudo, percebi que o conceito de Nação era fundamental em Vieira Pinto e que era um componente da compreensão da “natureza” e do sentido de Tecnologia. O nacionalismo de Vieira Pinto nada tem a ver com um sentimento patriótico, nem possui conotação cultural ou linguística, mas se refere a um projeto político de destino de uma comunidade que deseja entrar no plano da história e afirmar sua singularidade enquanto ente político no concerto das nações.

Ao final de 2018, no encontro na ANPOF, em Vitória-ES, apresentei um trabalho sobre o conceito de Nação em Vieira Pinto como conceito chave para se pensar a Tecnologia. Para o autor, a Tecnologia, em uma de suas definições, é o conjunto de todas as técnicas de que dispõe determinada sociedade, em qualquer fase histórica do seu desenvolvimento para a produção da vida (VIEIRA PINTO, 2005, p.220). O conjunto técnico de uma sociedade utilizado para a produção de bens expressa seu modo de enfrentar os desafios e oposições da natureza à produção social da vida. Assim, é no contorno de uma nacionalidade que se dá o processo produtivo e por consequência o uso de técnicas determinadas. A técnica é fruto de um modo de relação operacional de uma comunidade com seu entorno para produzir a vida. Eu tinha encontrado uma perspectiva política e “nacional” para pensar a Tecnologia. Meu objeto de pesquisa tinha se modificado novamente: queria aprofundar o que podemos chamar de “Tecnonacionalismo” ou a Geopolítica da Tecnologia enquanto problema filosófico.

O conceito de Nação em Vieira Pinto pode ser considerado filosoficamente como um mundo enquanto totalidade envolvente e produtora de significação e de valor. Minha interpretação é que “Nação” pode ser pensada como um mundo. Cada nação, enquanto comunidade de origem, funciona parcialmente como um mundo. Cada totalidade nacional, enquanto um tipo de mundo, é atravessada por outros. Há, por isso, um conflito de mundos e em cada mundo. Isto implica uma interpenetração entre os mundos-nações. Se para Vieira Pinto estamos em um mundo e somos em um mundo nacional, então minha hipótese é que a determinação do que é um mundo deva ser feita a partir da Filosofia de Leibniz. Tal é minha intuição atual, que ainda não desenvolvi.

Provisoriamente podemos dizer que cada nação é um mundo como totalidade em movimento, internamente polarizada e aberta a novas totalizações, fragmentações ou mesmo desmembramentos e formações de outras menores ou maiores multidimensionalmente. A Terra é um universo composto de muitos mundos paralelos com suas ordens modais internas, suas historicidades, temporalidades. A Terra é composta de muitos mundos. Não posso defender com mais presteza tal leitura, mas é interessante constatar que o pensamento de Vieira Pinto pode não só fornecer um quadro conceitual abrangente enquanto narrativa para minha ação política e discussão da Tecnologia, quanto um arcabouço que permita “totalizar” minha pesquisa de todos estes anos.

10 – PROJETO DE PESQUISA ATUAL

Paralelamente ao processo de desenvolvimento da ideia de que o conceito de Nação em Vieira Pinto pode ser interpretado como um tipo de mundo, de totalidade, minha pesquisa atual se expressa também no conjunto de questões que se relacionam ao que chamei de Tecnacionalismo. Meu objeto de estudo atual se refere às intrincadas relações que existem entre Tecnologia e Nacionalidade. Pretendo mostrar que a compreensão da atividade tecnológica passa pela compreensão de sua “nacionalidade”. A hipótese é que a criação de tecnologias está envolvida em redes de poder e dependem de políticas explícitas ou implícitas e estas têm a ver com disputas entre as nações. Sem a elucidação destas disputas não podemos entender o significado de Tecnologia. A gênese dos objetos técnicos tem a ver com o poder das nações e sua tentativa de afirmá-lo.

Minha pesquisa atual têm os seguintes objetivos: 1- Justificar a necessidade de formulação de políticas públicas estatais de tecnologia; 2- Montar um quadro geral de conceitos da Filosofia da Tecnologia que permita propor diretrizes para estas políticas e critérios para o design de tecnologias.

Uma política tecnológica pode ser definida como aquilo que compreende, em sua condição de política pública, as decisões e ações coletivas que toma um Estado para fomentar o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica, para articulá-las ou não com a estrutura produtiva do país e aproveitar seus produtos para melhorar as condições de vida dos seus cidadãos; e aquilo que compreende, em sua condição de política de Estado, as decisões relacionadas à satisfação do interesse nacional, a busca da independência econômica e a soberania política no contexto regional e internacional que outorguem o grau de liberdade

necessário para decidir a inserção internacional do país em função do bem-estar dos seus habitantes.

A hipótese é que o modo como as tecnologias são hoje desenvolvidas exige que países como o Brasil formulem políticas tecnológicas de Estado. Assim, a criação de tecnologias tem a ver com estratégias políticas de países centrais e com o modo como suas grandes corporações monopolizam o desenvolvimento tecnológico e por isso, se quisermos “inovar”, devemos não confiar na prática do empreendedorismo individual, mas formular políticas públicas que ancoram a inovação. Meu objetivo é buscar na Filosofia da Tecnologia elementos conceituais que nos ajudem nessa tarefa, além de fundamentá-la.

Para mim, as decisões e ações inscritas em uma política tecnológica se relacionam a modelos de país e devem visar o estabelecimento de um conjunto de 1- critérios para a escolha das que são estratégicas para o desenvolvimento nacional, 2- (de) variáveis para o desenho destas tecnologias. Trata-se da montagem de um quadro conceitual que permita estabelecer requisitos para o design e o desenvolvimento de tecnologias. Ao final da pesquisa pretendo: 1- Formular um conceito filosófico de tecnologia que permita fundamentar e pensar políticas públicas de ciência e tecnologia. E a partir dele avaliar criticamente, em outro momento, algumas das narrativas tecnológicas contemporâneas, como a que relaciona, por exemplo, tecnologia, inovação, empreendedorismo e sustentabilidade e aquela ligada ao tema do desenvolvimento; 2- Responder à seguinte questão: como deve ser conduzida a pesquisa tecnológica, por quem, com quais prioridades, utilizando quais tipos de metodologias (critérios e variáveis) de design, e como devem ser desenvolvidas e administradas as inovações tecnológicas para assegurar que os seus usos fortaleçam os direitos e o bem-estar de todos, as condições para a ampla participação em uma sociedade democrática, e ao mesmo tempo o respeito pela natureza e o desenvolvimento nacional?; 3- Disponibilizar material crítico para agentes formuladores de políticas tecnológicas interessados em desenvolvimento de tecnologias adequadas e relevantes ao país. Neste material constará um quadro conceitual para o estabelecimento de diretrizes para a formulação de uma política tecnológica estatal.

Este é meu projeto de pesquisa atual. Chego, assim, a um momento que finalmente encontro uma narrativa para a ação política.

11 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O que segue é uma descrição de minha atuação nas atividades de ensino, “administração” – participação em conselhos, comissões e etc., extensão e de orientação.

Ministrei as seguintes disciplinas na Universidade Federal de Uberlândia: Estética 1, Estética 2, História da Filosofia Contemporânea, História da Filosofia Moderna na Graduação de Filosofia. E Estética na Graduação de Artes além de várias optativas na Graduação de Filosofia.

Logo, quando comecei a trabalhar em Uberlândia, fiz parte da Comissão de Elaboração do Projeto de Mestrado do Curso de Filosofia. Foi uma dura batalha interna, primeiro para convencer alguns colegas da importância de implementação da Pós-Graduação, depois para conseguir estabelecer a área de concentração e as linhas de pesquisa. Nem todo mundo podia participar do projeto e por isso houve intensa disputa e sentimentos tristes. Eu quase fiquei doente e por isso, logo que a proposta de criação do Mestrado não foi aceita, tentei um curso na UFBA em 2004 e não fui aprovado. Felizmente, o programa foi implementado em 2006.

Fui membro do Colegiado da Graduação e da Pós-Graduação algumas vezes, além de membro de várias comissões administrativas: Comissão de Diárias e Passagens, Comissão de Licenças, Capacitação e Estágio Docente, Comissão de Bolsas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, de Racionalização de Aulas, Comissão de Revisão do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Comissão do Evento Bianual, Comissão do Centro de Pesquisa Interdisciplinar e Instituto de Estudos Estratégicos e da Comissão de Implementação do Centro de Estudos Estratégicos sobre Convergência Tecnológica.

Orientei diversas monitorias, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e Iniciação Científica, que na sua maioria seguiam o ritmo de minha pesquisa. A maior parte das orientações realizadas, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, orientações de iniciação científica expressam pesquisas que se referem a algum dos núcleos temáticos que analisamos.

O núcleo temático “leibnizianismo” pode ser também observado nas seguintes orientações de Iniciação Científica:

1. Thayane Queiroz Ramos. O Mundo Possível de *Walking Dead*. 2015. Área do conhecimento: Estética.
2. Daniela Luiza Silva. A Questão dos Mundos Possíveis no cinema Polonês: A Dupla Vida de Veronique. 2012. Área do conhecimento: Estética.
3. Eduardo Frazão Silva. A Filosofia dos Games. 2011. Área do conhecimento: Estética.

4. Suellen Carolina. Liberdade e Possibilidade em Leibniz. 2009. Área do conhecimento: História da Filosofia.

5. Eduardo Arantes Correa. O problema dos Mundos Possíveis na Ficção Científica. Área do conhecimento: Estética.

6. Eduardo Arantes Corrêa. O Problema da Realidade no cinema de Lynch: um estudo sobre a Cidade dos Sonhos impossíveis. 2008. Área do conhecimento: Estética.

O núcleo temático “leibnizianismo” pode ser observado nos seguintes Trabalhos de Conclusão de Curso:

1. Camila Cristina da Silva Teixeira. Os Conceitos de Mundos Possíveis aplicados à obra de As Crônicas de Nárnia de C.S. Lewis. 2017. Área do conhecimento: Estética.

2. Ana Estefânia Araújo. Um Estudo sobre o Maravilhoso e o “non sense” em Alice no País das Maravilhas. 2015. Área do conhecimento: Estética.

3. Vinícius Vieira Silva. A Influência da Poética Aristotélica em Baumgarten. 2014. Área do conhecimento: Estética.

4. Thayane Queiroz Ramos. A Poética dos Mundos Possíveis. 2014. Área do conhecimento: Estética.

5. Alexandre Fonseca Santos. O Conceito Filosófico de Brinquedo. 2013. Área do conhecimento: Estética.

6. Daniela Luiza da Silva. *A Dupla Vida de Véronique*: um Estudo sobre a Possibilidade do Duplo. 2011. Área do conhecimento: Estética.

7. Eduardo Frazão Silva. A Filosofia do *Fim da Eternidade*. 2011. Área do conhecimento: Estética.

8. Eduardo Arantes Correa. A Concepção Leibniziana de Ficcionalidade e seu Desdobramento na Poética Contemporânea. 2010. Área do conhecimento: Estética.

9. Caruliny Beatriz Lopacinski. Surrealismo e Possibilidade. 2008. Área do conhecimento: Estética.

O núcleo temático “leibnizianismo” ainda pode ser observado nas seguintes orientações de Mestrado:

1. Vinícius Viera Silva. A Poética Filosófica e a Ciência do Sensível: Baumgarten e o Nascimento da Estética. 2015. Área do conhecimento: Estética.

2. Elias Terêncio. Da Vontade Cativa: um estudo sobre a Antropologia de Martinho Lutero. 2013. Área do conhecimento: História da Filosofia.

O núcleo temático “deleuzianismo” pode ser observado nas seguintes orientações de Mestrado:

1. Gustavo Palma de Oliveira. *Novos Meios de Expressão Filosófica: o debate com o Pensamento Monadológico na obra de Jorge Luis Borges*. 2013. Área do conhecimento: Estética.

2. Juarez Humberto Ferreira. *Perspectivas à Problemática Disjunção*. 2012. Área do conhecimento: História da Filosofia.

3. Paulo Henrique Dias Costa. *Escher e Deleuze: Pensamento e Impossibilidade*. 2010. Área do conhecimento: História da Filosofia.

O núcleo temático “tecnacionalismo” pode ser observado nas seguintes orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso:

1. Fernanda Tatiani de Oliveira. *Técnica e Estética na Filosofia da Caixa Preta de Flusser*. 2013. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia.

O núcleo temático “tecnacionalismo” também pode ser observado nas seguintes orientações de Iniciação Científica:

1. Vitória Cardoso Alves. *A Mente Neomecânica*. 2017. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia.

2. Guilherme Morais. *Cibernética e Transhumanismo*. 2017. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia.

3. Fernanda Tatiani. *As Imagens Técnicas na Contemporaneidade: um estudo sobre o Conceito de Programação no diálogo Arte e Tecnologia*. 2013. Área do conhecimento: Estética.

O núcleo temático “tecnacionalismo” pode, ainda, ser observado, nas seguintes orientações de Mestrado:

1. Cecília de Sousa Neves. *O Solo Profano da Razão: uma reflexão acerca da crítica nietzscheana ao paradigma da razão clássica*. 2014. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia.

12 – OUTRAS ATIVIDADES

Gostaria de destacar os seguintes textos referentes às pesquisas de TCC e Iniciação Científica:

1. *Brincar ou Programar? Um estudo sobre Vilém Flusser*, 2015. (Relatório de pesquisa). Palavras-chave: Flusser, Aparelho, Imagem, Programa, Liberdade. Área de

conhecimento: Filosofia da Tecnologia. Tecnologia. Texto referente à relatório de Conclusão de Curso.

2. Liberdade e Possibilidade em Leibniz, 2011. (Relatório de pesquisa). Palavras-chave: Mundos Possíveis, Leibniz, Impossibilidade, Liberdade, Possibilidade. Área de conhecimento: História da Filosofia. Texto referente a relatório de conclusão de pesquisa de Iniciação Científica.

3- O Problema dos Mundos Possíveis na Ficção Científica. 2011. (Relatório de pesquisa). Palavras-chave: Leibniz, Compossibilidade, Mundos Possíveis, Ficção Científica, *LOST*, Dolezel. Área de conhecimento: Filosofia: Estética. Texto referente a relatório de Conclusão de Curso.

4- O Problema da Realidade no Cinema de David Lynch: um estudo sobre a cidade dos sonhos impossíveis, 2009. (Relatório de pesquisa). Palavras-chave: Mundos Possíveis, Leibniz, David Lynch, Estética. Área de conhecimento: Estética. Texto referente a relatório de conclusão de pesquisa de Iniciação Científica.

Participei de várias comissões científicas que avaliaram e selecionaram trabalhos para serem apresentados em encontros e congressos.

Em relação às atividades de extensão, realizadas em várias etapas da formação e da carreira acadêmica, gostaria de destacar as seguintes:

1. O Conceito de Saúde Mental em Deleuze, 2006. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado). Palavras-chave: Deleuze, Esquizoanálise, Multiplicidade, Sociabilidade, Ética. Área do conhecimento: História da Filosofia e Filosofia Social. Local: Uberlândia.

2- Arte e Filosofia: Conexões, 2005. (Extensão, Curso de curta duração ministrado) Palavras-chave: Arte, Multiplicidade Virtual, Deleuze, Plano de imanência, Rizoma. Área do conhecimento: História da Filosofia e Estética. Local: Uberlândia.

3. Ética na Função Pública, 2005. (Especialização, Curso de curta duração ministrado) Palavras-chave: Ética, Filosofia, Moral. Área do conhecimento: Ética. Local Brasília.

4- Imanência e Formas de Vida: Um estudo sobre Gilles Deleuze, 2000. (Extensão, Curso de curta duração ministrado). Palavras-chave: Deleuze, Multiplicidade Virtual, Plano de Imanência, Formas de Vida. Área do conhecimento: História da Filosofia. Local: São João Del Rey.

5. O Conceito de Justiça em Hume, 1998. (Extensão, Curso de curta duração ministrado). Palavras-chave: Justiça, Sociabilidade, Filosofia Social, Hume, Imanência, Ética. Área do conhecimento: Ética e Filosofia Social. Local: Belo Horizonte.

6. O Conceito de Estado no Pensamento Político, 1997. (Extensão, Curso de curta duração ministrado). Palavras-chave: Estado, Nietzsche, Filosofia Social, Ética, Sociabilidade. Área do conhecimento: Ética e Filosofia Social. Local: Belo Horizonte.

Participei da organização dos seguintes eventos:

1. Workshop NET: Tecnologia, Inovação, Empreendedorismo e Sustentabilidade, 2018. (Organização de evento). Palavras-chave: Filosofia da Tecnologia, Filosofia da Técnica, Empreendedorismo, Inovação, Sustentabilidade. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia. Realização NET PUCPR em 2018. Local: Curitiba.

2. A Técnica em Questão: Bioética, Filosofia da Técnica, Tecnologia e sociedade, 2017. (Organização de evento). Palavras-chave: Filosofia da Técnica, Filosofia da Tecnologia, Bioética, Estudos de Ciência e Sociedade. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia. Realização NET PUCPR em 2017. Local: Curitiba.

3. Primeiro Encontro Tecnologias Convergentes: definições e desafios institucionais, 2015. (Organização de evento). Palavras-chave: Convergência Tecnológica, Transdisciplinaridade, Filosofia da Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia. Realização: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação PROPP e Centro de Estudos Estratégicos de Tecnologia da UFU em 2015. Local Uberlândia.

4. Colóquio sobre a Filosofia da Tecnologia de Andrew Feenberg, 2013. (Congresso, Organização de evento). Palavras-chave: Andrew Feenberg, Filosofia da Tecnologia, Transformação da Tecnologia. Área do conhecimento: Filosofia da Tecnologia. Realização: NUPPEC-UFU e NEPC-UFMG em 2013. Local: Uberlândia.

5. Primeiro Encontro de Filosofia e Religião da UFU, 2008. (Congresso, Organização de evento). Palavras-chave: Candomblé, Religião, Filosofia. Área do conhecimento: História da Filosofia e Filosofia da Religião. Realização: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU em 2008. Local: Uberlândia.

13 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBRON, H. **Mulholand Drive de David Lynch**. Paris: Yellow Now- Côté Films, 2006.

CARVALHO, Jairo Dias. A Filosofia da Tecnologia e o Desenvolvimento Tecnológico Nacional. **Quadranti: Rivista Internazionale di filosofia contemporanea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1-2, p. 47-62, 2018b.

_____. Sistema Cibernético e Sistema Biótico: duas visões da relação entre máquina e organismo In: DOMINGUES, Ivan. **Biotecnologias e Regulações: desafios contemporâneos**. 1. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2018a, v.1, p. 91-112.

_____. Convergência Tecnológica e Design In: CARVALHO et. alii. **Filosofia da Natureza, da Ciência, da Tecnologia e da Técnica**. SÃO PAULO: ANPOF, 2017d, v.1, p. 239-247.

_____. A Invenção dos Objetos Técnicos e a Atividade Artística: uma leitura de Gilbert Simondon. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 8, p. 5-18, 2017c.

_____. Convergência Tecnológica e Filosofia. **Logeion: Filosofia da Informação**, Brasília, v. 3, p. 87-99, 2017b.

_____. Tecnologia, Política e Filosofia em Álvaro Vieira Pinto. **Pensando: Revista de Filosofia**, Teresina, v. 8, p. 21-30, 2017a.

CARVALHO, Jairo Dias; SZCEPANIK, Gilmar Evandro. A Emergência de um Grupo de Trabalho em Filosofia da Tecnologia e da Técnica. **Guaicará**, Guarapuava, v. 32, p. 63-70, 2016b.

CARVALHO, Jairo Dias. O Uso Estético do Conceito de Mundos Possíveis In: MORTARI, Cezar A. **Temas em Filosofia Contemporânea II.1** ed. Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, UFSC, 2016a v.14, p. 88-108.

_____. A Contribuição da Noção de Tecnoestética de Gilbert Simondon no Projeto de Transformação da Tecnologia de Andrew Feenberg. **Dois Pontos**, Curitiba, v. 12, p. 99-1-9, 2015b.

_____. A Transformação da Tecnologia por meio da Arte: um estudo sobre Andrew Feenberg. **Revista de Filosofia: Aurora**, Curitiba, v. 27, p. 85-109, 2015a.

_____. Mundos Fisicamente Possíveis: um estudo sobre o debate Leibniz e Arnauld. **Argumentos: Revista de Filosofia**, Fortaleza, v.6, p. 205-226, 2014d.

_____. O Maravilhoso como Mundo (ficcional) possível. **Princípios**, Natal, v.20, p.217 - 237, 2014c.

_____. O Mundo Híbrido da Metamorfose de Kafka como Mundo Possível. **Viso: Cadernos de Estética Aplicada**, Rio de Janeiro, v.14, p.134 -147, 2014b.

_____. Seremos Sempre Humanos? **Páginas de Filosofia**, São Bernardo do Campo, v.6, p.65 - 82, 2014a.

_____. Os Mundos Fantásticos são Mundos Possíveis? In: GAMA-KHALI, Marisa. M. **História e Ficção no Universo Fantástico**. Ed. Vitória da Conquista: LABEDISCO, 2013b, v.1, p. 27-193.

_____. A Filosofia de Deleuze é uma Filosofia dos Mundos impossíveis? **Theoria**, Pouso Alegre, v.5, p.1 - 10, 2013a.

_____. A Terceira Crítica de Kant e a Poética dos Mundos Possíveis In: PIMENTA, Olavo C. **Anais do Primeiro Colóquio Kant da UFU**. Uberlândia: EDUFU, 2012e, v.1. p.38 – 48.

_____. A Invenção Criadora dos Objetos Técnicos: Um estudo sobre Simondon. **Pensando: Revista De Filosofia**, Teresina, v.3, p.238 - 246, 2012d.

_____. Artes e Mundos Possíveis. **Aisthe**, Rio de Janeiro, v.6, p.120 - 137, 2012c.

_____. As Ideias Transcendentais e a Função Lógica de Relação em Kant. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v.3, p.115 - 135, 2012b.

_____. Plano de Imanência e Univocidade do Ser em Deleuze. **Dois Pontos**, São Carlos, v.8, p.175 - 197, 2012a.

_____. A Conformidade a Fins como Princípio Transcendental da Faculdade de Julgar Reflexiva em Kant. **Kant e-Prints**, Campinas, v.5, p.66 - 80, 2011c.

_____. Gilles Deleuze e Guimarães Rosa, uma conexão entre Filosofia e Literatura: o devir, o duplo e a metamorfose. **Aisthe**, Rio de Janeiro, v.7, p.27 - 40, 2011b.

_____. Possibilidade e Totalidade: Divergência ou Convergência das Séries? Um estudo acerca da relação entre Leibniz e Bergson. **Griot**, Amargosa, v.3, p.50 - 62, 2011a.

_____. As Figuras da Possibilidade e a Gênese do Conceito de Mundos Possíveis. **Theoria**, Pouso Alegre, v.2, p.6 - 17, 2010c.

_____. O Objeto em Geral e o Conhecimento em Geral em Kant: o juízo estético e o juízo de conhecimento. **Prometeus (São Cristóvão)**, Aracaju, v.3, p.1 - 19, 2010b.

_____. Os Mundos Impossíveis em Cidade dos Sonhos de David Lynch. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v.8, p.60 - 74, 2010a.

_____. Comunicabilidade e Juízo Estético em Kant. **Trilhas Filosóficas**, Caicó, v.2, p.2 -13, 2009b.

CARVALHO, Jairo Dias & PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. Filosofia da Religião e Candomblé: Questões e Oportunidades. **Interações: Cultura e Comunidade**, Uberlândia, v.4, p.181 - 200, 2009a.

CARVALHO, Jairo Dias. La Dédution des Jugements Esthétiques comme Fondement de la Réceptivité Transcendentale au Plaisir. In: ROHDEN, Valerio et. Alii. **Recht und Frieden in der Philosophie Kants**.1 ed. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 2008c, v.3, p. 511-522.

_____. Da Crítica do Gosto à Crítica da Faculdade de Julgar: um estudo sobre a terceira crítica de Kant. **Crítica**, Londrina, v.13, p.35 - 55, 2008b.

_____. O conceito de Criação Social em Hume. **Kalagatos**, Fortaleza, v.5, p.129 - 155, 2008a.

_____. O Anti-Édipo: O social e o desejo em Deleuze e Guattari. In. CASTELO BRANCO, G. **Mente, Cérebro e Filosofia**. São Paulo, p.88 - 93, 2007e.

_____. Forma e Multiplicidade Qualitativa: um estudo sobre a relação entre Adorno e Deleuze. **Ethica**, Rio de Janeiro, v.14, p.53 - 63, 2007d.

_____. Giordano Bruno, o Uno e o Múltiplo. **Princípios**, Natal, v.15, p.199 - 213, 2007c.

_____. O Problema da Expressão em Deleuze e Spinoza. **Revista Conatus**, Fortaleza, v.1, p.43 - 49, 2007b.

_____. O Problema da ÜBERGANG nas duas Introduções da Crítica da Faculdade do Juízo de Kant. **Crítica**, Londrina, v.12, p.147 - 166, 2007a.

_____. Multiplicidade e Virtual em Deleuze In: CASTELO BRANCO, G. **Filosofia Pós-Metafísica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2006, v.1, p. 101-129.

_____. Multiplicidade e Virtual em Deleuze In: CASTELO BRANCO, G. **Filosofia Pós-Metafísica**.1 ed. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005e, v.1, p. 89-109.

_____. A Fundação da Estética como Dimensão da Mente Humana em Kant. **Revista de Filosofia: Aurora**, Curitiba, v.18, p.11 - 25, 2005d.

_____. A Imanência, apresentação de um roteiro de estudo sobre Gilles Deleuze. **Trans/Form/Ação**, Marília. Impresso, v.28, p.119 - 132, 2005c.

_____. As Formas de Sociabilidade em Deleuze. **Phronesis**, Campinas, v.7, p.81 - 94, 2005b.

_____. O Substrato Supra-Sensível da Humanidade em Kant. **Philosophos**, Goiânia, v.10, p.45 - 64, 2005a.

_____. Nietzsche e a Crítica ao Estado. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.19, p.161 - 174, 2004.

_____. **Plano de Imanência e Formas de Vida: um estudo sobre Gilles Deleuze.** Tese (doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: Ivan Domingues, 2002.

_____. Le Fondement Cognitif de la Faculté du Juger Esthétique In: GERHARDT Volker; HORSTMANN Rolf-Peter; SCHUMACHER, Ralph. **Kant und die Berliner Aufklärung.** 1 ed. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 2001, v.3, p. 383-390.

_____. A Faculdade de Julgar Estética em Kant In: DUARTE. R. **Belo, Sublime e Kant.** 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 120-137.

_____. **A Beleza como Adequação da Natureza ao Homem: um estudo sobre a Crítica da Faculdade do Juízo de Kant.** Dissertação (mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: José Henrique Santos, 1997.

DIAS COSTA, Paulo Henrique. **Pensamento e Impossibilidade: interseções entre M. C. Escher e Gilles Deleuze.** Dissertação (mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Jairo Dias Carvalho, 2010.

DOLEZEL, Lubomir. **Heterocómica: Ficción y mundos posibles.** Trad. Félix Rodríguez. Madrid: Arcos Livros, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo.** Tradução de Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1993.

LIST, Georg Friedrich. **Sistema Nacional de Economia Política.** Os Economistas. Tradução: Luiz João Baraúna. São Paulo, 1986.

LYNCH, David. **CIDADE DOS SONHOS.** Produção: Neal Edelstein. Roteiro: David Lynch. EUA. Europa Filmes, c2002. DVD (140 min.).

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

SIMONDON. G. **Du mode d' existence des objets techniques.** Paris: Aubier-Montaigne, 2008.

SOURIAU. E. **A Correspondência das Artes: elementos de estética comparada.** Trad. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1983.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional.** Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

_____. **O Conceito de Tecnologia. Volume 1.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.